

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Jonata Fabris

**NARRAÇÃO ESPORTIVA:  
HISTÓRIA, LINGUAGEM E PROTAGONISTAS**

Porto Alegre  
2018

Jonata Fabris

**NARRAÇÃO ESPORTIVA:  
HISTÓRIA, LINGUAGEM E PROTAGONISTAS**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Deus

Porto Alegre  
2018

JONATA FABRIS

**NARRAÇÃO ESPORTIVA:  
HISTÓRIA, LINGUAGEM E PROTAGONISTAS**

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra de Deus.

Examinado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra de Deus  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
(Orientadora)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ilza Maria Tourinho Girardi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
(Examinadora)

---

Prof. Dr. Mario Eugênio Villas-Bôasda Rocha  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
(Examinador)

Dedico este trabalho à  
minha família, sobretudo  
na pessoa de minha mãe,  
Mairi. Nunca desista.

## AGRADECIMENTOS

Olhar o presente e sentir que o que foi feito até aqui, de alguma forma, perdoem o clichê, valeu a pena. Se formar na faculdade, em uma universidade federal, a UFRGS, que por mais problemas que enfrente, sempre está em posição de destaque nacionalmente, é para mim, motivo de orgulho. Mas é um orgulho construído, e bem sedimentado. Das muitas dificuldades enfrentadas, como a moradia, alimentação, o custo de vida, a saudade da família, a paternidade precoce, o mercado de trabalho, tudo foi transformado em força de vontade.

Gostaria de agradecer, primeiramente a minha família, em especial minha mãe, Mairi, e meu pai Mario, por todo o apoio, desde a saída de casa, lá atrás, num futuro incerto, e que agora agradeço pela coragem passada, nos anos longe de casa. Aos meus avós, Olivo, Elda e Ari, e em especial, também, à Anair, que me acompanha lá de cima.

À minha filha Anita, por tudo que me ensinou até aqui, nesse crescimento mútuo.

Tão importante quanto, meus tios, aos quais me acolheram em seus lares, num começo complicado. Obrigado dindos Oldemar e Ana, tios Carlos e Ane e famílias.

Agradeço aos meus amigos Jeferson Pigozzo e Guilherme Pohl, que se tornaram os irmãos que não tive. Agradeço, também, aos amigos Lucas Pfeuffer, Emerson Trindade, Ubirajara Sagaz, Evandro Fonseca, Felipe Ferrari, Denis Eckhard e Pedro Balestreri, entre outros colegas, maior legado que levo da faculdade, engrandecendo ainda mais as pequenas conquistas nesses mais de cinco anos de convivência.

À professora Sandra de Deus, pela compreensão, acolhimento e paciência.

A todos que, de alguma forma, colaboraram para que este trabalho tivesse êxito. Entrevistados, professores, amigos, profissionais do rádio, o mais sincero obrigado.

## RESUMO

*Narração esportiva: história, linguagem e protagonistas* é um estudo que resgata a história da narração de futebol no rádio porto-alegrense. Objetiva analisar o papel do narrador, seu protagonismo no rádio e seu papel dentro da jornada esportiva. Busca compreender o passado para interpretar o presente e idealizar reflexões sobre o futuro da narração. Com apoio de revisão bibliográfica, discorre-se sobre a linguagem utilizada nas transmissões esportivas, resgatando a participação dos narradores das emissoras gaúchas nas Copas do Mundo realizadas entre os anos de 1978 e 2014. Com esse enfoque, esta monografia analisa as mudanças na narração esportiva, servindo-se de entrevistas com profissionais do rádio, e, a partir disso entender como se opera o desenvolvimento do radiojornalismo esportivo. Conclui-se que a narração esportiva segue sendo uma construção individual, que apresenta mudanças pequenas quanto à linguagem, mas que gera variação de estilos.

**Palavras-chave:** Narradores; Jornalismo Esportivo; Linguagem Radiofônica.

## ABSTRACT

"Sports narration: history, language and protagonists" is a study that rescues the soccer narration's history on the radio, specially Porto Alegre's. It aims to analyse narrator's paper, its radio's protagonism and its paper inside the sports day. It looks for the understand the past to interpret the present to idealize reflections about narration's future. With the literature review's support, discourse about the language used in sports broadcasts, rescuing narrators' participation on Rio Grande do Sul's channels in World Cups played between the years of 1978 and 2014. With this approach, the monography analyzes the changes on sports narration, serving it with radio professionals' interviews and, starting on it, understand how the sport radiojournalisms operates. Concludes that the sport narration keep on being an individual construction that presents small changes about language, but generates a variation of narration styles.

**Key-words:** Narratos; Sport Journalism; Radiophonic Language

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 RÁDIO: HISTÓRIA E POPULARIZAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
2.1 INÍCIO.....	13
2.2 NO BRASIL.....	14
2.3 RÁDIO ESPORTIVO NO BRASIL.....	18
2.4 RÁDIO ESPORTIVO NO RIO GRANDE DO SUL.....	20
<b>2.4.1 Rádio Sociedade Gaúcha.....</b>	<b>21</b>
<b>2.4.2 Rádio Farroupilha.....</b>	<b>24</b>
<b>3 O RÁDIO DO RS NAS COPAS DO MUNDO.....</b>	<b>27</b>
3.1 COPA DO MUNDO DE 1962 (CHILE).....	30
3.2 COPA DO MUNDO DE 1966 (INGLATERRA).....	31
3.3 COPA DO MUNDO DE 1970 (MÉXICO).....	32
3.4 COPA DO MUNDO DE 1974 (ALEMANHA).....	33
3.5 COPA DO MUNDO DE 1978 (ARGENTINA).....	33
3.6 COPA DO MUNDO DE 1982 (ESPANHA).....	34
3.7 COPA DO MUNDO DE 1986 (MÉXICO).....	35
3.8 COPA DO MUNDO DE 1990 (ITÁLIA).....	35
3.9 COPA DO MUNDO DE 1994 (ESTADOS UNIDOS) .....	36
3.10 COPA DO MUNDO DE 1998 (FRANÇA).....	37
3.11 COPA DO MUNDO DE 2002 (CORÉIA DO SUL E JAPÃO) .....	37
3.12 COPA DO MUNDO DE 2006 (ALEMANHA).....	37
3.13 COPA DO MUNDO DE 2010 (ÁFRICA DO SUL) .....	38
3.14 COPA DO MUNDO DE 2014 (BRASIL).....	38
<b>4 VENDEDORES DE ILUSÃO.....</b>	<b>40</b>
4.1 A LINGUAGEM ESPORTIVA.....	40



4.2 NARRAÇÃO ESPORTIVA.....	46
<b>5 NARRADORES.....</b>	<b>51</b>
5.1 PERCURSO METODOLÓGICO.....	51
5.2 CELESTINO VALENZUELA.....	52
5.3 HAROLDO DE SOUZA.....	54
5.4 PEDRO ERNESTO DENARDIN.....	56
5.5 LUÍS MAGNO.....	59
5.6 ANGELO AFONSO.....	61
5.7 MUDANÇAS NA NARRAÇÃO ESPORTIVA.....	63
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Às vésperas de mais uma Copa do Mundo, o Brasil se une para torcer e acompanhar mais uma edição do maior evento que envolve futebol do planeta. Com a Rússia como país sede, o Mundial de seleções de 2018 chega mais uma vez com a expectativa de que a Seleção brasileira conquiste novamente o título e, assim, seja hexacampeã do torneio realizado pela FIFA. As emissoras de rádio se preparam para a cobertura, e enviam à Europa seus mestres de espetáculo – os narradores – e equipe de jornada, que novamente, transformarão palavras em imagens, emoção e vibração.

O objetivo geral deste trabalho é promover um resgate histórico sobre a narração de futebol no rádio, especialmente porto-alegrense, tendo como pano de fundo a participação das duas principais rádios gaúchas – Gaúcha e Guaíba - e seus narradores nas Copas do Mundo realizadas entre os anos de 1978 e 2014.

Os objetivos específicos são analisar a evolução da narração esportiva no rádio gaúcho; compreender a linguagem radiofônica utilizada nas jornadas esportivas; buscar entender como ocorre o protagonismo do narrador dentro de uma emissora e averiguar as mudanças na forma de narrar futebol em Porto Alegre.

Para atender aos objetivos enunciados, opta-se por retomar a ‘descoberta’ e desenvolvimento do rádio, primeiramente em escala nacional e depois com foco no surgimento das primeiras emissoras em solo gaúcho sob o aspecto, em conjunto, da expansão do futebol. A história de ambos conjuga-se de forma a serem dois protagonistas na sociedade brasileira, criando uma relação quase que simbiótica, na qual o narrador de futebol se estabelece como figura central de estudo, considerado como porta-voz dos estádios. Para tanto, se pauta em ampla revisão bibliográfica, além de entrevistas com narradores/personagens do rádio gaúcho, que tiveram a sua parcela na construção do que é hoje o rádio. Além disso, o estudo aborda a rotina dos profissionais, hábitos, uso de linguagem própria e como se dá a elaboração de suas expressões marcantes.

O futebol, como grande paixão nacional, precisa de um interlocutor que passe detalhes para o ouvinte, consiga levar ao receptor tudo o que ocorre no campo de jogo, contudo com a dificuldade de fazer isso sem imagens. De onda sonora para a *imagem mental*, as expressões que o narrador cria para chamar a atenção de seu público ultrapassam o seu mero instante *no ar* e muitas delas acabam por se eternizar na memória coletiva de uma sociedade. O esporte se torna ainda mais emocionante quando transmitido pelo rádio. O narrador detém o poder de

retratar a realidade que ele vê, despertando no ouvinte a sensação de muito mais que escutar a narração, se sentir dentro (ou até mesmo parte) do jogo, tornando futebol e rádio um casamento perfeito.

A pesquisa sobre o rádio gaúcho e o papel do esporte nele apresentado já foi alvo de inúmeros trabalhos no meio acadêmico, tanto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul quanto na Pontifícia Universidade Católica. Obra extensa e importante no que diz respeito à história do rádio esportivo na capital do estado, a dissertação de mestrado de Jamile Gamba Dalpiaz intitulada *O futebol no rádio de Porto alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)* foi fundamental na construção da presente monografia, já que resgata os principais acontecimentos da cobertura radiofônica esportiva. Outro trabalho com destaque que versa sobre a narração esportiva no Rio Grande do Sul é a dissertação de mestrado de Ciro Augusto Francisconi Götz, sob denominação *Narradores de Futebol, dos desbravadores aos contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)*, defendida na PUC-RS. Destaque, também, para as monografias produzidas por Rodrigo Martins de Oliveira com o título *Rádio e copa do mundo através das décadas: análise das coberturas da Rádio Guaíba dos mundiais de 1982 e 2010* e Luciano Péricocom *Gol: o plantão esportivo como método complexo de informação*. Juntam-se a eles a monografia de Nathália Ely da Silveira, intitulada *Jornalismo esportivo: conceitos e práticas*, defendida nesta faculdade em 2009, juntamente com *Reportagem de campo no rádio e na TV*, trabalho de especialização em jornalismo esportivo de Laura Gheller. Destacam-se, ainda, os trabalhos de conclusão de curso que versam sobre o tema do radiojornalismo esportivo, como *O narrador como condutor do espetáculo*, de Thiago Ritter do Santos em 2011, *Bandeirantes esportiva em Porto Alegre*, produzido por Douglas Portal Ceconello em 2005, e *Comentário na jornada esportiva da Rádio Guaíba AM* de Thiago Souza Prado realizado em 2007.

Na primeira parte deste trabalho, busca-se retratar o surgimento do rádio, valendo-se de pesquisas e trabalhos destacados na área, a fim de traçar uma síntese da vasta história radiofônica, com seu início no hemisfério norte e posteriormente, a sua chegada ao Brasil. No decorrer do capítulo, aborda-se o desenvolvimento do rádio em Porto Alegre, com as experiências das primeiras emissoras, destacando os primeiros passos na veiculação esportiva, com ênfase na narrativa do futebol. No capítulo seguinte, realiza-se um resgate e mapeamento das participações das emissoras gaúchas em transmissões de Copas do Mundo, e com

destaque para o trabalho desenvolvido pelos narradores, que são o objeto de estudo dessa monografia.

Por fim, no terceiro e último capítulo, este estudo, a partir de entrevistas conta as histórias dos narradores que construíram e constroem o rádio esportivo gaúcho. Serão entrevistados narradores e ex-narradores, profissionais do rádio, o que permite mostrar as modificações ocorridas na narração esportiva. Importante destacar que o estudo também se reveste de uma homenagem aos narradores esportivos que encantam audiências dentro e fora dos estádios de futebol.

## 2 RÁDIO: HISTÓRIA E POPULARIZAÇÃO

Para se chegar a uma nova tecnologia, uma nova invenção capaz de revolucionar a sociedade, a vida das pessoas, é preciso muito desenvolvimento, pesquisa e experimentação. No que diz respeito ao rádio, muitos cientistas, entusiastas e empresários se envolveram. A base do rádio já vinha se desenvolvendo há bastante tempo e teve contribuição de muitos pesquisadores, de diferentes países. Será sintetizado o papel dos principais personagens, que de alguma forma, participaram do desenvolvimento da nova tecnologia.

### 2.1 INÍCIO

A partir de 1830, aproximadamente, a tecnologia que servirá de base ao rádio começa a evoluir, em especial nas pesquisas sobre a existência de ondas eletromagnéticas e também com o progresso do telégrafo e do telefone. Em 1820, o dinamarquês Hans Christian Oersted percebe que, ao ser colocada perto de um fio condutor de corrente elétrica, uma bússola variava o seu norte magnético. Mais tarde, Michael Faraday e o americano Joseph Henry, constatariam a relação entre eletricidade e magnetismo. Outras invenções, como o telégrafo, registrado por Samuel Morse em 1837 nos Estados Unidos, o qual usava o Código Morse e o telefone, patenteado por Alexander Graham Bell em 1876, colaboraram para os avanços na radiocomunicação.

Paralelamente, os estudos e pesquisas sobre a eletricidade continuavam a ter avanços. A verificação experimental do alemão Heinrich Rudolf Hertz em 1887, sobre a existência das ondas de rádio, (mais tarde chamadas de ondas hertzianas), com propriedades semelhantes às das ondas luminosas, revela novas possibilidades para a programação da voz. Mais tarde, cerca de três anos depois, Édouard Branly, em 1890, inventaria o coesor, que é descrito por Ferraretto (2000, p.81) como “um tubo de vidro cheio de limalha de ferro, ou seja, partículas do metal, que na presença de ondas hertzianas, se unem fortemente, permitindo a passagem de energia elétrica”. Com os estudos já bem encaminhados, cabe ao inglês Oliver Lodge, na Universidade de Oxford, demonstrar o potencial de transmissão e recepção de ondas eletromagnéticas.

É dentro de todo esse contexto tecnológico que Guglielmo Marconi, empresário italiano, se insere como uma das principais figuras da história do rádio. Dono de uma empresa

com patentes sobre os mais diversos inventos, ele soube aprimorar os estudos feitos na época, e com demonstrações públicas, conseguiu a patente da radiotelegrafia em 1897. Em 1901, Marconi alcança um grande feito: “No dia 13 de dezembro, conseguiria enviar o primeiro sinal radiotelegráfico transoceânico. Uma estação nem Newfoundland, no Canadá, recebia a letra S em código Morse transmitida de Poldhu, na Grã-Bretanha.”(FERRARETTO, 2000).

Se na Europa e na América do Norte as pesquisas sobre a radiocomunicação estavam bem avançadas, no Brasil, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura foi o pioneiro em buscar a transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas. No entanto, sem o devido apoio institucional brasileiro – que, por exemplo, Marconi obtinha do governo italiano – padre Landell não conseguiu sucesso em registrá-las no Brasil. Coube ao cientista, viajar aos Estados Unidos em 1901, para obter as patentes de alguns de seus inventos.

Três anos mais tarde em 1904, a The Patent Office at Washington concedia ao cientista brasileiro três cartas patentes: para um telégrafo sem fio (número 775.846), um telefone sem fio (número 775.337) e um transmissor de ondas (número 771.917). (FERRARETTO, 2000). Mesmo assim, o pioneirismo de Roberto Landell de Moura não foi suficiente para que a radiocomunicação se desenvolvesse na sua época no território brasileiro.

Outros experimentos logo surgiriam para potencializar a transmissão da voz humana sem o uso de fios. A válvula receptora, do inglês John Ambrose Fleming e do americano Lee DeForest, com o tríodo, dariam um importante passo na evolução do rádio. E foi na véspera de natal de 1906, se utilizando de uma estrutura precária do processo de transmissão em amplitude modulada, que o canadense Reginald Fessenden faria a primeira transmissão eficiente de rádio. Desenvolvidas as bases para a transmissão de sons à distância, cabia ao mercado buscar a popularização da nova tecnologia. E é pela empresa Westinghouse Electric and Manufacturing Company, junto com a emissora KDKA o pioneirismo para difundir a programação entre o público em geral.

## 2.2 NO BRASIL

Embora Roberto Landell de Moura já tivesse tentado lançar as bases do rádio no Brasil entre o final do século 19 e início do século 20, ouve outros tantos entusiastas que também experimentaram fazer transmissões e escuta de sinais radiofônicos, ainda que amadoramente, em clubes e associações.

A primeira rádio do Brasil a transmitir efetivamente foi a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em 6 de abril de 1919 em Recife pela iniciativa de jovens da elite pernambucana. Mas a radiodifusão brasileira começaria a ganhar fôlego logo mais adiante, cerca de três anos após a criação da rádio pernambucana. Durante as comemorações do centenário da independência em 1922, na capital federal, à época, o Rio de Janeiro, ocorreu a primeira transmissão oficial de rádio. Segundo Prado (2012), a primeira transmissão foi o discurso do presidente Epitácio Pessoa, veiculado aos presentes nas comemorações por meio de alto-falantes espalhados na cidade e também trechos da ópera O Guarani, de Carlos Gomes.

O fato chamou a atenção da alta sociedade, e logo ocorreu interesse público na nova tecnologia apresentada. O cientista e professor Edgard Roquette-Pinto, “o pai do Rádio”, em conjunto com outros associados e intelectuais do Rio de Janeiro, viam potencial educativo na nova ferramenta. Roquette-Pinto, aliado a outros membros da Academia Brasileira de Ciências, deu início a trajetória da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. "Com a Rádio Sociedade, criada no ano seguinte começa efetivamente a trajetória da rádio difusão sonora no país, marcando a superação de seus antecedentes históricos, os grupos de amadores da radiofonia."(FERRARETTO, 2007, p. 94).

Com finalidades educativas e culturais, a programação da PRA-2 era composta por conferências científicas, ópera, literatura brasileira, francesa e inglesa. Ortriwano apud Prado (2012) comenta:

Roquette-Pinto criou o primeiro jornal de rádio brasileiro, o ‘Jornal da Manhã’, logo no início das atividades da Rádio Sociedade. E lembra que ele foi o primeiro locutor e comentarista do rádio brasileiro. Além disso, era ele quem verificava os jornais e assinalava as notícias as matérias mais interessantes que seriam transmitidas e comentadas no jornal. (PRADO, 2012, p. 53)

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, com seu propósito educativo, não aceitava publicidade em seus programas e se mantinha financeiramente por mensalidades pagas pelos seus sócios, o que de certa forma restringia o público ao qual era veiculado a sua programação. A organização da rádio, na modalidade de sociedade, se manteve durante anos e fez surgir outras emissoras anos após ano no mesmo molde pelo país, como, por exemplo, a Rádio Sociedade da Bahia (1924) e a Rádio Sociedade de Pelotas (1925)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>FERRARETTO, Luiz Artur. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129834/000974261.pdf?sequence=1/>>. Acesso em 02/05/2018.

A década de 20 é marcada pelo aparecimento de rádios em diversas regiões brasileiras. Há também o turbulento momento político vivido, que contribui para a organização de grupos e movimentos, como o Tenentismo. Após a Revolução de 30, o recém-empossado presidente da república, Getúlio Vargas, busca acabar com os problemas econômicos e estimula o crescimento industrial. Para isso, vê no rádio uma importante ferramenta cultural e estratégica. Nesse contexto, ocorre a regulamentação da publicidade pelo decreto nº 21.111 e assim dá grande impulso ao rádio comercialmente.

Conforme Vampré (1979) na medida em que a década de 1920 avançou, houve melhorias nas condições técnicas das emissoras de rádio, muito em razão da comercialização de mensagens publicitárias. Segundo o autor, a partir de 1927, a comercialização, apesar de ainda “medrosamente”, estava atingindo sua maioridade e expandindo-se. Era a “fase de ouro” do rádio brasileiro, principalmente aplicada à realidade dos grandes centros da época, São Paulo e Rio de Janeiro e sendo uma atração voltada mais para o popular.

Em 1931, ano da primeira transmissão de futebol no Brasil, o governo federal baixou o decreto nº 20.047, em 27 de maio. Vampré (1979, p. 48), “explica que a partir desse ato governamental, o Brasil adotou o modelo de radiodifusão norte-americano, com a concessão de canais à particulares e legalização da propaganda comercial”. A partir de 1933 inicia de fato o protagonismo do rádio na sociedade brasileira. Segundo Vampré (1979),

O rádio começava a estabelecer e definir sua posição perante a opinião pública que o adotou como entretenimento indispensável. Rareavam os receptores do tipo galena com seus desconfortáveis fones de ouvido e já eram muitos os aparelhos sofisticados, a válvulas, importados, com alto-falantes embutidos em caixas volumosas. (VAMPRÉ, 1979, p. 52)

Ainda recorrendo a Vampré (1979), nesta época, há o início da publicidade, com os *speakers* improvisando os *reclames*. Também surgiram nesse ano os primeiros programas redigidos e montados, além do primeiro jingle radiofônico. Ferrarreto (2012) corrobora, já que a partir de 1932, portanto, as emissoras começam gradativamente a se estruturar como negócio comunicacional.

Além da Record, em São Paulo, outra iniciativa, desta vez no Rio de Janeiro também seguiu a linha do grupo paulista, investindo em qualidade da programação e elenco popular. Inaugurada no dia 12 de setembro de 1936, a Rádio Nacional pertencia à empresa A Noite, grupo que detinha outras mídias no RJ e desde a sua primeira transmissão, foi pioneira em criação de programas, radionovelas e principalmente, no jornalismo. O *Repórter Esso*, por



exemplo, era transmitido pelas ondas da Nacional. A década seguinte reserva o apogeu do rádio como espetáculo massivo, muito em virtude da aproximação do Brasil com os EUA, durante o Estado Novo. A entrada de produtos estrangeiros facilita a penetração cultural norte-americana, o que eleva substancialmente qualidade dos produtos veiculados.

“Nesse contexto, o rádio viveria aquela que é considerada a sua época de ouro, caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, radionovelas e humorísticos. A cobertura esportiva também ocupa seu espaço. O radiojornalismo ganha destaque à medida que o país se envolve na Segunda Guerra Mundial. O veículo adquire audiência massiva, tornando-se, no início dos anos 50, principalmente por meio da Nacional, a primeira expressão das indústrias culturais no Brasil”. (FERRARETTO, 2001, p.112)

No entanto, somente após a encampação pela ditadura de Getúlio Vargas é que a Rádio Nacional vai se transformar no fenômeno de audiência e representatividade da radiodifusão. A empresa, agora tinha o patrimônio sob o controle do governo, mas continuava atuando como uma organização comercial. “Os recursos provenientes da publicidade eram reinvestidos diretamente na própria Nacional, garantindo uma programação atraente”, cita Ferraretto (2001).

Com o alto investimento em elenco e infraestrutura aliado a instalação de ondas curtas foi quase instantânea o crescimento da audiência e a liderança de mercado. É pelas ondas da Nacional que nasce um dos maiores fenômenos do rádio da época. A radionovela *Em busca da felicidade*, adaptação de Gilberto Martins para o texto original de Leandro Blanco, que teve 284 capítulos em quase dois anos de transmissões. Mesmo com excelência em entretenimento – como as radionovelas e programas humorísticos – a Rádio Nacional não se resumia apenas a programação popularesca e de auditório. Consolidada com expoente do rádio brasileiro no período, a emissora deu início no Brasil ao que seria um divisor de águas do radiojornalismo no país.

O contexto era da Segunda Guerra Mundial, e com apoio dos EUA, entra no ar pela Rádio Nacional, o *Repórter Esso*, com característica musical e abertura muito peculiares. Para Vampré (1979),

Sua principal característica e razão de seu sucesso foi, sempre, a de ser redigido especialmente para o rádio, sem se limitar à leitura *ipsis literis* das notícias dos jornais ou agências noticiosas. Criou-se, assim, uma linguagem própria para o radiojornalismo [...] Seu prefixo, de clarinadas vibrantes e a sua matemática precisão de horário influíram, naturalmente, em seu sucesso. (VAMPRE, 1979, p.80)

Com o slogan “Testemunha ocular da história”, o programa já tinha versões em outros 15 países e foi ao pela primeira vez no Brasil em 28 de agosto 1941. A partir do sucesso com os cariocas, passaria a ser veiculado em rádios de outros estados, no Rio Grande do Sul, com a Rádio Farroupilha. O impacto do *Repórter Esso* no que diz respeito ao jornalismo pode ser observado até os dias atuais. Entre as inovações apresentadas pela produção, estava um formato totalmente novo, que lançava mão de estratégias de fidelização do ouvinte e com credibilidade de conteúdo, como a rigidez de tempo e horário, a suposta isenção na transmissão das informações e a utilização de fontes não oficiais (ORTRIWANO, 1985). A síntese noticiosa ficou no ar por pouco mais de 27 anos, encerrando as atividades em 31 de dezembro de 1968.

### 2.3 RÁDIO ESPORTIVO NO BRASIL

Com o incremento da propaganda nas programações radiofônicas, há espaço para mais programas na grade e assim, surgem, ainda que de maneira experimental, as primeiras transmissões de esportes. São corridas de cavalos, esportes aquáticos que ganham vida nas vozes de locutores que imergem no universo sonoro. A relação entre esporte e rádio começou ainda na década de 1920, ainda que experimentalmente, mas se firmou na década seguinte, 1930, a partir das primeiras esportivas. Conforme coloca Soares (1994), o rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa.

Nessa época, o rádio ainda estava se popularizando, e era um meio de comunicação que causava fascínio em quem o acompanhava. Inicialmente, as narrações eram feitas de forma lenta e detalhada, quase uma descrição fiel do evento que ocorria. “No início dos anos 30, o rádio e o futebol brasileiro passavam por uma fase semelhante. Ambos tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo que caracterizou sua introdução no país”(SOARES, 1994, p.22). A primeira transmissão por rádio de um jogo de futebol em solo brasileiro se deu na data de 19 de julho de 1931, pela Rádio Educadora Paulista, através da voz do locutor Nicolau Tuma, que narrou o confronto entre as seleções de São Paulo e do Paraná no Campo da Floresta, na capital paulistana. Tuma foi um dos pioneiros na narração esportiva. Conhecido como “*speaker metralhadora*” em razão do detalhamento que dava ao que acontecia no campo de jogo, seu estilo de narração permanece até hoje: *a narração em cima do lance*.

O ano de 1931 marca o início efetivo das irradiações esportivas em São Paulo, com a transmissão do Oitavo Campeonato Brasileiro de Futebol, novamente através da Rádio Educadora Paulista e Nicolau Tuma como narrador principal (SOARES, 1994, p.17). As dificuldades iniciais para os pioneiros da narração não residiam apenas no que diz respeito a condições técnicas de transmissão, mas também era necessária a criação de uma identidade com o ouvinte, gerar uma proximidade a partir da narração.

O locutor não vê o ouvinte e o ouvinte não vê o locutor. Essa comunicação cega requer o conhecimento da identidade dos ouvintes. Identificado, é preciso colocar-se permanentemente na sua pessoa, reagindo por ele, dirigindo-se a ele imaginando seus anseios e sua maneira de pensar, para mesmo distante, estabelecer uma aproximação. (PORCHAT 2004, p. 98).

O momento político social do período, a década de 1930, é citado por Soares (1994, p. 26) como um fator de destaque para o fortalecimento do esporte no rádio:

A autocensura foi instituída, com possibilidade de cassação da concessão das emissoras que se colocassem contra um governo que atravessava uma crise e tinha na imprensa um grande obstáculo para a manutenção do poder, o veículo que tinha necessidade de se firmar junto à sociedade e o futebol, um esporte que também se profissionalizava e necessitava de grandes públicos nos estádios, para uma arrecadação de permitisse bancar custos. (SOARES, 1994, p.26)

A transmissão da Copa do Mundo de 1938, na França é considerada um passo importante para a consolidação do rádio entre os brasileiros. Através das transmissões esportivas via rádio, a grande massa pode acompanhar com mais intensidade o esporte, a conhecer os clubes, se apaixonar pelos craques e torcer pela Seleção Brasileira.

A organização Byngton – Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio e São Paulo; Rádio Cosmos, de São Paulo, e Rádio Clube do Brasil, do Rio de Janeiro, conseguiu a exclusividade das transmissões do Campeonato Mundial de Futebol na França. Com a delegação brasileira seguiu o narrador paulista, Gagliano Neto. Foi a primeira vez que todo o país parou nas residências, bares, cafés, onde quer que houvesse um receptor, para sintonizar em excelentes condições técnicas, essa primeira proeza internacional do rádio brasileiro. (VAMPRÉ 1979, p.72)

É necessário destacar, que nesse período de formação do rádio, praticamente nenhuma emissora tinha estrutura suficiente para arcar com todos os gastos de uma viagem internacional. Dessa forma havia a formação dos *pools* de emissoras, que transmitiam em cadeia. O governo de Vargas, à época, rejeitou o pedido e a ideia de formação de uma rede de emissoras, que foi retomada somente em 1958, pela Rádio Bandeirantes, para a transmissão

da Copa da Suécia, a primeira conquistada pelo Brasil, com a formação da Cadeia Verde-Amarela Norte-Sul do Brasil que reuniu mais de 400 emissoras.

Por muito tempo, ainda, perduraram as dificuldades para as transmissões esportivas internacionais. Somente em 1970, com a copa do México, e mais adiante, em 1974, com a Copa da Alemanha, que o sistema de telecomunicações brasileiro evoluiu em virtude da política de desenvolvimento das comunicações implementada pelos governos militares. Conforme Vampré (1979) desenvolveram-se, com muita ênfase, as Redes brasileiras de TV, destacando-se a REI – Rede de Emissoras Independentes e a Rede Globo de Televisão, que em pouco tempo lideraria o seguimento permanentemente.

#### 2.4 RÁDIO ESPORTIVO NO RIO GRANDE DO SUL

O Rio Grande do Sul esteve muitas vezes na vanguarda e no pioneirismo em diversas áreas. No futebol, com o primeiro clube do Brasil, o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900 e também com uma das primeiras rádios fora do eixo a iniciar transmissões com regularidade, a Rádio Sociedade Rio-Grandense, em Porto Alegre. Nesse sentido, se desenvolve a parceria entre rádio e futebol e observa-se que os mesmos, segundo Dalpiaz (2002) são frutos de um processo de construção de uma identidade nacional, na medida em que contribuíram para o reconhecimento da primeira vivência de “nação” verificada nestas décadas.

No rádio, a primeira emissora gaúcha a transmitir de forma organizada foi a Rádio Sociedade Rio-Grandense. Fundada em 7 de setembro de 1924 por amadores que atuavam na cidade, destacou-se na sua inauguração o papel do empresário espanhol Juan Ganzo Fernandez, presidente e fundador da Companhia Telefônica Rio-Grandense. A característica da programação da RSR seria semelhante às concepções de formação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ou seja, “transmitir audições musicais, conferências literárias e, científicas, informações comerciais, câmbio etc (...)” (FERRARETTO 2002, p. 46). A rádio teve um curto período de atividade, que teve como principal problema para a o seu fechamento, problemas de ordem financeira.

Mesmo com sua curta existência, o papel da Rádio Sociedade Rio-Grandense foi bastante importante para a história do rádio gaúcho, segundo Ferraretto (2002, p.53). A RSR

incrementou também o comércio local de aparelhos receptores e, mesmo, impulsionou o surgimento de pequenas oficinas dedicadas à fabricação de equipamentos. Para Götzt (2015, p.48) “o rádio gaúcho acompanhou de perto o surgimento e a implantação do novo meio de comunicação em todo o Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro”, através do pioneirismo da elite urbana, formada por empresários e também políticos entusiastas do novo meio.

No âmbito esportivo, nos anos 30, já havia uma organização considerável, com o Campeonato Estadual de Futebol disputado desde 9 de novembro de 1919 e tendo a sua consolidação na década seguinte, com o campeonato disputado anualmente entre os clubes federados. Rádio e futebol vivem sua fase de experimentação, conquistando o público e pouco a pouco, deixando de serem objetos de consumo de uma pequena parte da população para adentrarem em mais camadas sociais. Como no Brasil, o início do rádio no RS teve sua fase amadora, partindo de muitas dificuldades para a transmissão de uma partida de futebol. Não havia linhas telefônicas suficientes para as transmissões e muitas vezes não havia retorno aos locutores, que equipamentos muitas vezes precários. Conforme Dalpiaz (2002) existiam outras modalidades de interesse popular, tais como as corridas de turfe. Alguns jornais, como o Correio do Povo, já ilustravam em suas páginas, registros de esportes. O futebol foi galgando lentamente espaço na programação e interesse da sociedade.

O futebol, num primeiro momento, tem a sua massificação com a ajuda do rádio para se popularizar. As federações estaduais já têm seus campeonatos próprios e com a profissionalização do futebol, a mídia entra de carona, dando aos poucos, cada vez mais espaço ao esporte nos conteúdos veiculados. Na década de 30, a estruturação do rádio é mais intensa, onde começa a se constituir como veículo de comunicação, com a organização das redações e os papéis na jornada esportiva começam a ser definidos.

#### **2.4.1 Rádio Sociedade Gaúcha**

O fim da Rádio Sociedade Rio-Grandense deixava um espaço vazio entre os entusiastas e amadores do Rio Grande do Sul e especialmente Porto Alegre. Somente em 1927 os gaúchos voltariam a ter o seu espaço radiofônico ocupado com a inauguração da Rádio Sociedade Gaúcha, em fevereiro daquele ano.

Assim como outras rádios em formação pelo país, a Rádio Sociedade Gaúcha tinha a pretensão de irradiar uma programação cultural e educativa, conteúdos voltados

principalmente à sua elite de associados. Segundo Ferraretto (2002), o diferencial da primeira rádio da capital à época seria a regularidade nas transmissões, aliado a novas atrações artísticas e convidados. Conforme Dillenburg (1990 p. 15),

Foi no 6º andar do Grande Hotel, então o mais alto e portentoso prédio da Capital, que funcionou inicialmente a Rádio Sociedade Gaúcha, PRA-Q, “A Voz dos Pampas”, mudando o prefixo para a atual PRC-2. [...] Pouco tempo depois, para aumentar a qualidade do som e ampliar o estúdio, a direção da Gaúcha resolveu instalar-se no interior da hidráulica do Moinhos de Vento, sendo ali erguida uma torre de madeira para irradiação. (DILLEMBURG,1990 p. 15)

O pioneirismo da Rádio Sociedade Gaúcha não passa apenas por ser a primeira rádio a transmitir na capital gaúcha de forma regular. Será lembrada, também por ser a primeira a irradiar uma partida de futebol em solo gaúcho. O fato que realmente marcou o início das transmissões de futebol no rádio gaúcho aconteceu em 1931. Foi no dia 19 de novembro, numa tarde de primavera, no Estádio da Baixada, bairro Moinhos de Vento, que Ernani Ruschel, *speaker* da rádio, iniciou as transmissões entre os combinados de Grêmio e Seleção do Paraná. Conforme Correio do Povo apud Dalpiaz (2002), “fez-se ponto-facultativo do meio-dia em diante daquela quinta-feira, tanto nas repartições municipais quanto nas do estado. As entradas para o estádio custavam 5\$000 para as gerais e 3\$000 para senhoras, senhoritas e menores”. O placar da partida foi 3 a 1 para o Grêmio. Os clubes, à época, surpresos com o grande alvoroço em razão da transmissão, chegaram a proibir a irradiação, pois tinham o receio que isso afastaria os torcedores dos estádios.

As transmissões esportivas iniciais usavam termos técnicos em inglês, como *goalkeeper*(goleiro), *corner*(escanteio) e o emblemático gol era pronunciado na língua anglo-saxã como *goal*. Havia ainda o zagueiro chamado de *back*, o meio-campista, era o *half*, o ponteiro, *winger*, e o atacante, *forwad*. Com o decorrer do tempo e “aportuguesação” de alguns termos, o futebol, de um modo geral, se tornou mais acessível para a grande massa da população, inclusive na sua nomenclatura.

Se o marco inicial para o futebol foi a irradiação da partida, vale ressaltar que, segundo Dalpiaz (2002), “o esporte esteve presente na fase inicial das transmissões radiofônicas, com registros mostrando que em 1934, a Rádio Sociedade Gaúcha já possuía na sua programação básica, o *Boletim Desportivo*, das 22h45 às 23h, que difundia informações com resultados dos *matches* de futebol e turfe”.

A primeira transmissão realizada pela Rádio Sociedade Gaúcha colabora essencialmente para que rádio e futebol, elementos da elite até então, possam receber mais olhares, principalmente das camadas mais populares. O rádio, como meio de comunicação ainda em fase de difusão e estruturação (Ferraretto, 2000), ganhará protagonismo com a utilização da publicidade, e gradativamente vai se modernizar, com o incremento na receita. Os anúncios comerciais passam a organizar as emissoras. O amadorismo dá lugar ao profissionalismo e estruturação das emissoras.

A publicidade ganha, aos poucos, espaço no financiamento dos programas. Na Gaúcha, Ernani e Nilo Ruschel exerciam já uma dupla função. Eram *speakers* e agenciadores de reclames. [...] Por volta de 1933-1934, a publicidade já é mais aceita: “Os comerciantes começavam a sentir o efeito do anúncio, começavam a vender mais e acreditar na propaganda”. A esta constatação, Ruschel associa o início do que ele chama de “profissionalização do rádio”. (FERRARETTO 2002, p.95)

É nesta época que, segundo Ferraretto (2002, pg. 206) a Gaúcha contrataria Oduvaldo Cozzi, narrador esportivo e diretor artístico da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. Cozzi revolucionaria a narração de futebol no estado, inaugurando a narração *lance por lance* na qual descrevia com precisão as jogadas no campo. Conforme Vampré (1979, p.72):

Oduvaldo Cozzi, no Rio Grande do Sul, teve entre outros méritos, o de revolucionar o sistema de transmissão de futebol. Substitui o estilo, até então corrente, incapaz de se precisar lance por lance, implantando as bases que, de futuro, se fundamentariam todas as reportagens esportivas. A esse mesmo tempo, os estúdios da Rádio Gaúcha, do bairro Moinhos de Vento, voltaram para o centro da cidade de Porto Alegre. E Oduvaldo Cozzi deveu-se ainda o equipamento da emissora de potentes receptores de ondas curtas para a sintonia de emissoras inglesas, alemãs, italianas e americanas que pudessem ser captadas, para se colherem noticiários da crítica situação europeia. (Vampré, 1979, p.72)

É na década de 40 que, com o impulso econômico oferecido pela publicidade, que a Rádio Sociedade Gaúcha buscava inovação nas suas transmissões esportivas a fim de ganhar o espaço da Farroupilha, que tinha nas radionovelas a sua principal atração. A Gaúcha buscou empenhou-se em transmitir o maior número de jogos possível periodicamente. Se não havia maneira de transmitir um jogo, ao invés de transmissões eram veiculados boletins com os resultados dos jogos e também outros esportes. Com isso, começa a se desenvolver um novo profissional na redação da emissora, que colhia informações e se juntava a equipe da jornada esportiva.

Dalpia (2002) cita que ocorreu nos anos 40 a criação da função de plantão esportivo do Rio Grande do Sul, a partir do trabalho de Rui Vergara Corrêa, que trabalhou na Rádio

Farroupilha. Rui Vergara, espalhava pelo estúdio diversos rádios sintonizados em emissoras cariocas, paulistas, uruguaias, na busca de resultados de jogos. O fato marcante do período seria a primeira transmissão de uma partida de futebol fora do Rio Grande do Sul. Ocorrido em Curitiba-PR, em meados de 1944, o jogo entre as seleções do Paraná e do Rio Grande do Sul foi narrado por Farid Germano, então profissional da Gaúcha.

Ainda na mesma década, mais um ato de pioneirismo, também pelas ondas da Rádio Sociedade Gaúcha. Foi realizada, em 14 de maio de 1949, a primeira transmissão internacional esportiva do Rio Grande do Sul. A partida entre Grêmio e Nacional foi realizada no Estádio Centenário, em Montevideú, e foi narrada por Cândido Norberto dos Santos. O Grêmio acabou vencendo a equipe uruguaia pelo placar de 3 a 1. As transmissões ocorriam à beira do campo de jogo, já que até 1954 não havia nenhuma infraestrutura que abrigasse as equipes de comunicação.

#### **2.4.2 Rádio Farroupilha**

Os jornais da época já anunciavam em suas capas que entraria no ar “a maior *broadcasting* do país” (Ferraretto, 2002) antes da inauguração da Rádio Sociedade Farroupilha. Apoiada numa sólida estrutura tecnológica da Empresa Jornalística Rio-Grandense, a nova rádio da capital possui um transmissor de 25kW e mais um canal exclusivo internacional. Por trás de tudo isso estava a família do general José Antônio Flores da Cunha, governador do estado com renomada carreira política, que sabia do potencial que uma emissora de rádio tinha, no momento que havia participado das movimentações políticas em 1932 em São Paulo.

Com investimento forte, a Farroupilha conseguia recheiar seu elenco com grandes nomes do cenário artístico brasileiro, como Luís Borges e Estelita Bell, que revolucionam o teatro no Rio Grande do Sul. As radionovelas veiculadas pela emissora são líderes de audiência e também chama a atenção à inovação em transmissões, apostando na veiculação de bailes e concursos, além da área esportiva, com transmissões de automobilismo e canoagem.

No entanto, a partir do momento no qual Flores da Cunha perde o apoio do governo Vargas, a emissora passaria por dificuldades. A perseguição do Estado Novo à Farroupilha deteriora sua situação financeira, consumindo suas reservas, diminuindo a qualidade da



programação veiculada e conseqüentemente a audiência. Sem conseguir saldar as dívidas, Luís e Antônio Flores da Cunha, filhos do ex-governador, optam pela venda do capital radiofônico.

Com presença no Rio Grande do Sul desde 1930, com o *Diário de notícias*, Assis Chateaubriand era a nova cara do empresariado brasileiro das comunicações. Buscando mais expansão à região sul do Brasil, os Diários e Emissoras Associados viram a oportunidade na Farroupilha de aumentarem sua influência num estado que tinha pouca concorrência no setor. O grupo entra na vida da emissora gaúcha em 1943, e rapidamente dobra o faturamento obtido pelo Flores da Cunha.

A empolgação com o empreendimento é tamanha, que um ano depois, em 1944, os Associados compram a Rádio Difusora Porto-Alegrense. A partir do momento que adquire o controle da Rádio Sociedade Farroupilha e, depois, da Difusora, o grupo de Assis Chateaubriand demonstra, no estado, o brio empreendedor do empresário e a pujança da sua presença em outras regiões do Brasil. É a infraestrutura, em termos nacional e estadual, do grupo carioca que irá garantir boa parte do sucesso da emissora. De lado o intercâmbio da publicidade que já vinha sendo praticada no Rio de Janeiro e São Paulo, tornando mais moderna os programas com a introdução de *jingles* e *spots*. A programação radiofônica também ganhava em qualidade, com o surgimento de operadores de áudio e produção de textos especiais ao rádio.

A incorporação da Farroupilha aos Associados vai fazer com que a emissora lance, anos 40, as bases, para que, na década seguinte, definam-se os contornos de uma indústria de produção de conteúdo voltada ao entretenimento e caracterizada por produtos de largo consumo, como as novelas radiofônicas, os programas de auditório e os humorísticos. (FERRARETTO 2002, p. 145)

Com o comando de duas emissoras na mesma cidade (Farroupilha e Difusora), Assis Chateaubriand precisava definir quais públicos as duas atenderiam. A prioridade se deu à Farroupilha, onde o empresário injetava mais investimentos, com a programação mais elaborada. Para a Difusora restou reformular sua programação, dedicando-se mais ao jornalismo e a novos programas. A “onda alegre da cidade” como era reconhecida, ficava no ar nos seguintes: das 7h30 às 8h30, das 11 às 14h e das 16 as 23h30. Sua grade era composta pelo “*Noticiário Desportivo*” onde o diretor do Departamento de Regras e Árbitros da Federação Rio-Grandense de Futebol, Milton Soares, esclarecia os aspectos legais do esporte, e somando-se a esse, o *Jornal dos Esportes*. (DILLENBURG, 1990 pg. 61).

A publicidade impulsiona o setor de radiodifusão, já que quando havia patrocinadores, as emissoras transmitiam também outras modalidades esportivas, como regatas no Rio Guaíba, jogos de basquete e corridas de automóvel. Segundo Ferraretto (2002 p. 224),

É possível afirmar que o esporte, junto com o jornalismo, ocupa, por esta época, uma terceira posição em termos de importância dentro da programação. Ao final dos anos 40, atenção do público fixa-se nas novelas, então expressão máxima do rádio teatro em quantidade de ouvintes, seguindo-se a elas os humorísticos e os programas de auditório. (Ferraretto, 2002 p. 224)

Nem só entretenimento vivia a Farroupilha. Celestino Valenzuela, em entrevista pessoal ao autor comenta que “a hegemonia era da Rádio Gaúcha, Guaíba, investiam pesado nas coberturas. Mas nós fazíamos algumas coberturas esportivas, pois a oferta da publicidade muitas vezes era vantajosa”. A presença das duas emissoras de rádio dos Associados na capital gaúcha duraria até 1959, ano que seria inaugurada a TV Piratini – primeira emissora de TV do estado a altos custos. Valenzuela, que havia chegado a pouco para locuções comerciais, foi convidado para integrar o primeiro grupo de narradores da TV Piratini.

Depois de um tempo, o Salimen Junior me convidou para trabalhar na Farroupilha, sendo narrador e programas esportivos, isso em 1959. Aí eu tive muita sorte, porque dali a pouco tempo, a TV Piratini iria ser inaugurada, a primeira televisão do Rio Grande do Sul. Na rádio só se falava na TV e me chamaram para fazer teste e fiquei trabalhando na TV e no rádio durante um bom período, até surgir a oportunidade de fazer uma jornada esportiva televisiva. (VALENZUELA, 2018)

Em 1968, com a morte de Chateaubriand, o controle da empresa passaria para um grupo de condôminos, formado por executivos do conglomerado. A partir da morte de seu principal mentor, a agonia dos Diários e Emissoras Associados no Rio Grande Sul duraria até 12 de março de 1982, data em que ocorre a venda da Farroupilha ao Grupo RBS, o que encerraria a trajetória do grupo empresarial no estado.

### 3 O RÁDIO DO RS NAS COPAS DO MUNDO

A década de 1950 inicia já com um grande evento, que foi acompanhado por parcela significativamente grande da população brasileira. Porto Alegre entra à década com quase 400 mil habitantes, sob um processo crescente de industrialização iniciado na década anterior a partir do forte incentivo do Estado.

O clima positivo é vivido pela sociedade de um modo geral, com o patriotismo em alta e estímulos ao consumo.

E o ano de [19]50 – Campeonato Mundial no Brasil e inauguração do Estádio do Maracanã – movimentou extraordinariamente a área esportiva de todas as emissoras brasileiras que se fizeram representar por enviados especiais ou integrando-se às principais redes de transmissões. (VAMPRE, 1979, p. 110)

Nas transmissões gaúchas, destacam-se Cândido Norberto e Guilherme Sibemberg, pela Rádio Sociedade Gaúcha, e Antonio Mafuz, Leonel Silveira e Rafael Merolillo, da Rádio Difusora. Para a viabilização técnica das irradiações do centro do país, são firmados, na época, acordos com outras estações. A Gaúcha utiliza as ondas curtas da Nacional, do Rio de Janeiro, e a Difusora, como integrante dos Diários e Emissoras Associados, faz o mesmo com a Tupi, de São Paulo. É, portanto, a primeira cobertura esportiva de larga escala a mobilizar o rádio do estado. No Rio Grande do Sul, o Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, sediaria três partidas da Copa do Mundo de Futebol – Uruguai x França, Iugoslávia x México e Suíça x México.

O panorama radiofônico até 1953 era, conforme Vampré (1979), de certa forma, tranquilo. A Rádio Farroupilha marcava sua indiscutível supremacia da preferência popular frente as suas concorrentes, como a Rádio Sociedade Gaúcha e a jovem Rádio Itaí, que buscava se impor no dial. É interessante observar o surgimento da última emissora, que fará concorrência o efetiva no mercado. A Rádio Itaí, cobriu futebol de 1952 a 1958, e tinha como seu *slogan*, *Almparcial dos Esportes*. Neste contexto, a Copa de 1950 serve para começar a consolidação no Rio Grande do Sul da dobradinha rádio e futebol. A continuidade dos eventos esportivos, somados a uma publicidade em crescimento, condicionam o desenvolvimento do rádio na metade da década de 50. O futebol começa a ganhar uma estrutura significativa dentro das emissoras, e observando-se a formação de departamentos esportivos, com o rádio ganhando, inclusive, local próprio para transmissões no estádio, após

a construção do Estádio Olímpico e suas cabines de transmissão. Dalpiaz (2002) observa que entre 1954 e 1955, as rádios começam a utilizar os primeiros gravadores fora do estúdio, permitindo, assim, que aparecessem os primeiros repórteres, utilizando cabos que chegassem até os entrevistados, os jogadores. Outro ponto importante para o ganho em qualidade e organização das rádios foi a construção de cabines nos estádios. Em Porto Alegre se deu após a inauguração do Estádio Olímpico Estádio Olímpico, em 1954.

A imprensa da época, como um todo, se mostrava interessada no futebol, como esporte de massa e também como oportunidade de angariar receita através de publicidade. No Mundial de 50, anúncios foram comuns nos principais jornais de Porto Alegre, como o Correio do Povo e o Diário de Notícias. O primeiro era o principal jornal gaúcho já há algum tempo, e a Companhia Jornalística Caldas Júnior, do empresário Breno Caldas, a protagonista da comunicação na capital do estado.

A concessão para uma emissora de rádio havia sido adquirida em no fim da década anterior, contudo por experiências pouco produtivas à frente da Gaúcha no início dos anos 40, o herdeiro da companhia relutava em assumir outro empreendimento na comunicação. Mesmo com o crescimento do rádio à época, não faltavam aqueles que viam a ideia com reserva, pois encaravam o rádio como meio de comunicação abaixo da tradição e imagem do Correio do Povo. Inaugurada oficialmente em 30 de abril de 1957, a Rádio Guaíba chega com proposta bem definida e uma nova programação, inovando num mercado que contava apenas com quatro estações – Rádio Gaúcha, Rádio Farroupilha, Rádio Difusora e Rádio Itaí. Conforme Dillenburg (1990, p.123),

Desde o início, os ouvintes puderam perceber a alta fidelidade de seu som e um novo estilo de fazer rádio, isento de “jingles”, com locutores de boa leitura e dicção, transmitindo a publicidade de maneira pausada e sóbria. O público aceitou de bom grado, marcando definitivamente um estilo que perdura até hoje, apesar das fases difíceis que passou. (DILLEMBURG, 1990, p.123)

A emissora iniciou suas transmissões com Jorge Alberto Mendes Ribeiro na direção artística e Flávio Alcaraz Gomes na comercial, sendo os responsáveis pela estruturação inicial da programação. A parte técnica fica a cargo do engenheiro Homero Simon, e a direção geral tem o comando de Arlindo Pasqualini. No esporte, Mendes Ribeiro repartia com Pedro Carneiro Pereira e Milton Jung as transmissões domingueiras. Jung em entrevista à Dalpiaz (2002) salienta a organização e o padrão de qualidade que a Guaíba procurava manter na sua programação.

Naquele tempo era jornalismo, música e esporte. É nesse trio que a Guaíba se baseou e foi durante longos anos assim. Havia programas esportivos diários, mas curtos, redigidos, inicialmente, não se fazia reportagem gravada. (...) a definição de funções dentro do departamento de esportes sempre teve narrador, comentarista repórter, locutor, plantão de estúdio, só que não profissionalmente como agora. (...) tinha o redator do departamento, aliás, antigamente tinha mais redatores do que hoje, porque as notícias não eram feitas como agora, praticamente no improviso, era tudo escrito. (DALPIAZ, 2002, p.91)

A partir de 1957 com o surgimento da Guaíba, há, também, a modificação da transmissão de jogos. Ferrareto (2007) conta que até os anos 1950, as emissoras de rádio costumavam transmitir os jogos de futebol com dois narradores. Na emissora de Breno Caldas, o sistema se modificou; a rádio passou a ter um narrador central auxiliado por dois profissionais posicionados atrás de cada uma das metas.

O surgimento da Rádio Guaíba em 1957 dá novo impulso ao processo de delineamento das transmissões esportivas com o chamado esquema tríplice, uma espécie de evolução do sistema em diagonal, colocando um narrador - logo denominado fiscal de área – atrás de cada goleira.(FERRARETTO, 2007, p. 479)

Cerca de um ano depois da sua inauguração, a Guaíba mostraria que tinha potencial para alcançar voos maiores. A Copa do Mundo de 1958, na Suécia foi a oportunidade para que a emissora assumisse um papel destacado nas transmissões esportiva, mantido até hoje. Liderando uma cadeia de emissoras do interior do estado e de Santa Catarina, composta por cerca de 20 rádios - a *Cadeia Ipiranga de Esportes* – a Rádio Guaíba enviou à Suécia uma equipe composta por Mendes Ribeiro, o narrador, Flávio Alcaraz Gomes e Francisco Antônio Caldas. Os comentários foram de Otávio Muniz. O pioneirismo e ousadia da emissora na transmissão em conjunto com a conquista do primeiro título mundial pela Seleção Brasileira marca seu nome na história do rádio gaúcho.

Uns duzentos brasileiros começavam a acenar, vencemos aqui! São poucos lenços, são poucas bandeiras, são poucas vozes gritando Brasil, mas a verdade é que o Brasil é campeão, duzentos brasileiros. Bola com Vavá. Vavá é atingido novamente. Pelo meu cronômetro, está esgotado o tempo regulamentar. Vem garrincha com a bola. Está terminando a Copa do Mundo. Garrincha com a bola, Garrincha passa para Djalma. Brasil 4 a 2. Djalma para Didi. (...) Quarenta e cinco minutos de jogo. Brasil quatro, Suécia dois. Pelo meu cronômetro, terminou. Duzentos lenços brancos contra 70 mil. Atira Zagallo, cabeceou Pelé. É goooooool! Gooooool do Brasil! Gooooool do Brasil! Estendido no gramado, Pelé. Quarenta e cinco minutos entrou Zagallo, entrou Pelé! E de cabeça, entrou nas redes. Gol de Pelé para o Brasil. Eu tenho a impressão de que o árbitro não deu o gol. Terminou o jogo, terminou o jogo. Brasil campeão do mundo de 1958. (DALPIAZ, 2002, p. 98).

Com a transmissão da Copa do Mundo de 1958, observa-se que o desenvolvimento do rádio, que já vinha acontecendo durante a década de 50, irá ser contemplado na década seguinte. Um profissionalismo, que é moldado com a especialização das tarefas de cada integrante da jornada esportiva, transformando-se em equipes de jornada e com papéis mais bem definidos. A reportagem ganha corpo e agilidade com a utilização do gravador portátil, que permitia aos repórteres a cobertura *in loco* nos estádios, e possibilitava a gravação de entrevistas com jogadores e dirigentes de forma muito parecida à que se pratica atualmente.

Surge, assim, a figura do *setorista*, repórter que cobre com frequência o mesmo clube (DALPIAZ, 2002, p. 108). O comentário esportivo também é aprimorado, principalmente a partir de Ruy Carlos Ostermann. O profissional foi quem introduziu, ainda na década de 60, o *comentário com planilha*. Tratava-se de uma folha simples, onde continha uma série de informações sobre a partida que estava acontecendo. Um processo relativamente desprezioso, mas que ainda é útil a jornada esportiva, pois trata de trazer dados reais e expõe uma espécie de “fiscalização” ao discurso muitas vezes fantasioso de narradores e repórteres.

### 3.1 COPA DO MUNDO DE 1962 (CHILE)

Por ser realizada no Chile, ou seja, na América do Sul, o mundial atrai muitas emissoras do Brasil, que veem oportunidade de cobrir uma Copa do Mundo pela primeira vez com menos custo que a anterior realizada na Europa. Pelo Rio Grande do Sul, a Rádio Gaúcha faz sua estreia no certame, e manda para a cobertura os narradores Willy Gonzer e Antônio Carlos Resende, mais o comentarista Samuel Madureira Coelho. Já a Rádio Guaíba, por sua vez, envia para o Chile uma equipe numerosa, que tem o comando de Mendes Ribeiro, os narradores Pedro Carneiro Pereira e Ataídes Ferreira, os comentaristas Amir Domingues e Ruy Carlos Osterman, os repórteres Lauro Quadros e Adroaldo Streck, os técnicos Bruno Steiger e Alcides Krebs, e fechando o time, Flávio Alcaraz Gomes.

Mesmo com boa equipe, a cobertura da competição só foi possível com muitas dificuldades. Quando as duas rádios gaúchas desembarcaram no Chile, não havia mais linhas e canais disponíveis pois já haviam sido negociados por outras emissoras de São Paulo e Rio

de Janeiro. A Record, rádio carioca, também se encontrava na mesma situação das emissoras de Porto Alegre e foi então que, segundo Oliveira (2011),

Um engenheiro chileno concedeu um canal de um transmissor SSB, com três bandas. Nesse sistema, cada banda emite o som em frequências diferentes. A Rádio Guaíba, a Rádio Gaúcha (ambas de Porto Alegre) e a Rádio Record (do Rio de Janeiro) dividiram o circuito, cada uma utilizando uma frequência. (OLIVEIRA, 2011, p.21)

O Brasil acabou conquistando seu segundo título mundial no Chile, vencendo a Tchecoslováquia por 3 a 1.

### 3.2 COPA DO MUNDO DE 1966 (INGLATERRA)

Na Europa novamente, o mundial da Inglaterra rendeu alguns contratempos para as emissoras gaúchas. Gaúcha e Guaíba, novamente foram à Copa, desta vez em condições diferentes. Em razão de uma negociação antecipada dos direitos de transmissão entre FIFA e Rádio Record, de São Paulo, a cobertura seria de exclusividade da emissora paulista. Mas após negociação, houve nova divisão de transmissão para dez emissoras brasileiras. Mesmo assim, as rádios gaúchas ficaram de fora da lista. Para ter direito de cobrir o Mundial, a Rádio Gaúcha conseguiu aliar-se à Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, a qual lhe dava direito de transmitir do estádio.

No entanto a Rádio Guaíba, que não havia conseguido parceria, precisou encontrar uma solução, que foi no mínimo curiosa. Através de receptores de televisão instalados numa sala da rede de televisão britânica BBC, a equipe transmitiu todos os jogos da copa. Era inaugurado o novo sistema de transmissão, o *off tube*. Flávio Alcaraz Gomes relatou alguns dos procedimentos utilizados.

Às vésperas levei a turma, no caso o Adroaldo Streck, o Pedro Pereira, o Antônio Carlos Resende (ao estádio) para conhecer as peculiaridades, as cabines todas enfileiradas ali, onde ia ficar a rainha e tudo mais. Então, memorizamos bem. Aí mandei o Streck para o hotel onde estava a concentração do Uruguai, disse para que gravasse os uruguaios como se eles estivessem no vestiário, dez minutos antes de começar o jogo e os uruguaios fizeram tudo isso. No dia do jogo, aquela multidão lá, a equipe mista da Gaúcha e da Itatiaia feito sardinha em lata nas cabines. Nós víamos pelo monitor, saímos da nossa pensão, simplesmente atravessamos a Hardway Street, entramos na BBC, sentamos no estúdio. (...) Eu disse (para o Rezende): 'Diz diretamente da Inglaterra, nunca diz que está no estádio'. Diretamente da Inglaterra e foi o pioneiro do *off tube*, a transmissão inicial pelo tubo para o Brasil, para a América do Sul, feita pelo nosso companheiro Antônio Carlos

Resende, que é um ‘brilhantíssimo’ locutor esportivo (ATHAYDES e STOSCH, 2008, p. 116).

A equipe enviada pela Rádio Guaíba era composta, além de Flávio Alcaraz Gomes, pelos narradores Pedro Carneiro Pereira e Antônio Carlos Resende, o comentarista Ruy Carlos Ostermann, o repórter Adroaldo Streck e o técnico Celso Costa. Feito pela Guaíba na tentativa de buscar uma solução rápida durante o empasse da transmissão no Mundial 1966, o *off tube* foi uma técnica muito útil nas irradiações esportivas.

### 3.3 COPA DO MUNDO DE 1970 (MÉXICO)

Se o sonho do tricampeonato da Seleção havia sido enterrado precocemente na Inglaterra, em 1970, tinham-se boas perspectivas para mais uma conquista do Brasil. Na comunicação, aumentava a disputa entre rádio e TV. O investimento em jornalismo e esporte era crescente, com as emissoras estruturando seus departamentos.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com a Rádio Guaíba, de Porto Alegre, quando seu titular esportivo Pedro Carneiro Pereira reestruturou seu departamento a este acrescentando novos valores, dentre estes, Armindo Antônio Ranzolin, que um ano antes, ocupava a direção artística da TV Piratini, canal 5.(VAMPRE, 1979, p. 160)

Passo importante para a melhora nas transmissões foi o início das irradiações via satélite. O Governo brasileiro, em 1965, cria a EMBRATEL e assim dá início a uma política modernizadora nas telecomunicações. A partir disso, as transmissões esportivas passam a ser feitas por modernos circuitos nacionais, aumentando a qualidade do som (DALPIAZ, 2002, p.116). Ainda, segundo a autora, foram treze emissoras brasileiras que viajaram ao México para a cobertura do Campeonato Mundial. O governo brasileiro, para conter despesas, disponibilizou apenas cinco canais de transmissão. Coube as duas emissoras do Rio Grande do Sul dividirem cabines. A Rádio Guaíba ficou com a Rádio Continental, do Rio de Janeiro e, a Rádio Gaúcha com a Rádio Nacional, também do Rio de Janeiro.



### 3.4 COPA DO MUNDO DE 1974 (ALEMANHA)

O rádio chegou para o Mundial de 76 bem mais preparado. Seria a primeira Copa do Mundo onde a Rádio Guaíba contaria com um sinal exclusivo de satélite, permitindo que a emissora transmitisse 24 por dia, via linha telefônica (OLIVEIRA, 2011). Para a Guaíba, seria a primeira Copa após a morte de Pedro Carneiro Pereira, que havia falecido em um acidente automobilístico em 1973. Quem o substituiria seria Armino Antônio Ranzolin, sendo chefe de equipe e narrador principal. A equipe que viajou ao Mundial da Alemanha, além de Ranzolin, foi o narrador Milton Ferreti Jung, os comentaristas Lauro Quadros e Ruy Carlos Ostermann, os repórteres João Carlos Belmonte e Adroaldo Streck, e o técnico de externas Celso Costa.

Com problemas financeiros e após encerrar as transmissões esportivas por um pequeno período, a Rádio Gaúcha envia para a transmissão da Copa uma equipe reduzida. Willy Gonzer, Íbsen Pinheiro e Valdomiro Moraes representaram a rádio.

### 3.5 COPA DO MUNDO DE 1978 (ARGENTINA)

Realizado na Argentina, o Mundial de Futebol da FIFA leva muitas emissoras brasileiras para a cobertura. A estrela da vez da comunicação é TV, com sua tela em cores e com o peso de muitos profissionais que haviam saído das ondas do rádio para estrelar as salas dos lares brasileiros. A Rádio Guaíba ainda vive sua liderança na preferência da audiência, como destaca Dalpiaz (2002, p. 125), e manda para a cobertura no país vizinho uma equipe numerosa, com 15 profissionais, com destaque para os narradores Armino Antônio Ranzolin, Samuel de Souza Santos e Élio Fagundes.

Nesse ano, algumas inovações com relação à reportagem ajudam a agilizar o trabalho dos repórteres. É o caso do surgimento de gravadores portáteis, a pilha, e com gravação em fita cassete. Cobertura que também foi realizada pela Rede Brasil Sul de Comunicações, levando para a Argentina profissionais da TV Gaúcha, do jornal Zero hora e, claro, da Rádio Gaúcha, com protagonismo para os narradores Haroldo de Souza, Luís Carlos Prates e Roberto Brauner. Desde março de 1978, o comentarista Ruy Carlos Ostermann é quem comanda o Departamento de Esportes da emissora.

### 3.6 COPA DO MUNDO DE 1982 (ESPANHA)

A disputa entre Rádio Gaúcha e Rádio Guaíba, que havia se consolidado ainda nos anos 70, e tinha hegemonia da Companhia Jornalística Caldas Júnior, a qual pertencia a Guaíba, agora se pode observar um crescimento substancial na Gaúcha. A chegada de Ruy Carlos Ostermann, em 1978, após a Copa do Mundo, o investimento em equipamentos modernos, e o planejamento de coberturas esportivas e jornalísticas (DALPIAZ, 2002, p. 126) são alguns dos fatores que reconduzem a Rádio Gaúcha ao topo da audiência ainda nesta década.

(...) Quando se aproxima da década de 80, são visíveis os sinais de que a Caldas Junior já estava em um processo de decomposição, com sua estrutura familiar, nas suas relações de trabalho. Aqui (na Gaúcha) nós estávamos justamente do lado oposto. A empresa e a Rádio Gaúcha em ascensão fortíssima. As duas linhas se cruzaram separando-se e, a rádio, em 81, já tinha a audiência maior, dali pra frente foi só somando. Quando o pessoal da Caldas Junior começou a vir pra cá, Ranzolin, Lauro Quadros, Rogério Mendelsky, Macedo, só para falar nessa área, e outros tantos, aí efetivamente se concluiu o processo, se desmantelou a Rádio Guaíba (...) (DALPIAZ, 2002, p. 123)

A equipe da Guaíba para a Copa do Mundo na Espanha, em 1982, contava com os narradores Armindo Antônio Ranzolin, Samuel Santos e Élio Fagundes. Já a Rádio Gaúcha levava a campo Haroldo de Souza, Roberto Brauner e o jovem Pedro Ernesto Denardin. Após o Mundial de 1982, a Guaíba começa a passar por dificuldades financeiras, atrasando salários e descumprindo obrigações contratuais e trabalhistas. Aos poucos, profissionais da emissora vão migrando para as concorrentes, como explica Ferraretto (2007, p. 208):

Na Rádio Guaíba, o segundo semestre de 1984 vê o desmonte da equipe da emissora. Para a Gaúcha, saem (...) Armindo Antônio Ranzolin e João Carlos Belmonte. Em dezembro, para a Pampa, que passa a investir em jornalismo, transfere-se contingente significativo de profissionais do grupo: Adroaldo Streck, José Barrionuevo, Lauro Hagemann, Lauro Quadros, Luís Figueiredo, Rogério Mendelski, Tânia Carvalho e Walter Galvani, entre outros. (FERRARETTO, 2007, p. 208)

Em função da grande crise instalada na Companhia Jornalística Caldas Junior, em 4 de maio de 1986, ocorre a venda da emissora ao empresário Renato Bastos Ribeiro, o que evita a falência da empresa.

### 3.7 COPA DO MUNDO DE 1986(MÉXICO)

Mesmo com as dificuldades iniciais de repor o quadro de funcionários, a Rádio Guaíba, agora sob o comando de Bastos Ribeiro, vai à cobertura da Copa do Mundo de 1986, no México. Segundo Costa apud Oliveira (2011), os narradores enviados para aquele Mundial foram Milton Ferreti Jung, Samuel de Souza Santos e Carlos Moacir, além dos comentaristas Edegar Schmidt e Laerte Franceschi.

Com principal concorrente em crise, a Copa do México surge como oportunidade de afirmação e consolidação da Rádio Gaúcha na liderança do mercado. Com intenso planejamento e emprego de tecnologia de ponta nos equipamentos, a emissora que tem como presidente Jayme Sirotsky, consegue virar o jogo da audiência contra sua principal concorrente. Também se observa coberturas dos eventos esportivos mais bem organizadas e estruturadas, conforme aponta Ferraretto (2018)<sup>2</sup>:

Em julho de 1986, a Gaúcha transmite os 52 jogos da Copa do Mundo, no México, a cobertura, de fato, já se estendia desde o segundo semestre de 1984, incluindo boletins de enviados especiais e correspondentes, além da veiculação do programa semanal *México 86*, aos domingos, às 13h. (FERRARETTO, 2018)<sup>3</sup>

O ano de 1986 é marcado como a estreia de Armindo Antônio Ranzolin como narrador em Copas do Mundo pela Rádio Gaúcha. Junto com ele, Haroldo de Souza e Roberto Brauner completam o time de narradores. Pedro Ernesto Denardin acompanhou com repórter.

### 3.8 COPA DO MUNDO DE 1990 – (ITÁLIA)

As coberturas radiofônicas neste mundial contaram com radialistas de renome e muito profissionalismo destes, principalmente pelo fato da crise política econômica vivida no país daquele início de década. O rádio registrou tudo com as duas equipes das principais rádios do

---

<sup>2</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. De 1974 a 1986: a Copa do Mundo e a ascensão da Rádio Gaúcha. 2006. Material disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2014/05/de-1974-1986-copa-do-mundo-e-ascensao.html/>>. Acesso em 09 jul. 2018.

<sup>3</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. De 1974 a 1986: a Copa do Mundo e a ascensão da Rádio Gaúcha. 2006. Material disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2014/05/de-1974-1986-copa-do-mundo-e-ascensao.html/>>. Acesso em 09 jul. 2018.

Rio Grande do Sul. A Rádio Guaíba envia os narradores José Aldo Pinheiro e Marco Antônio Pereira, os comentaristas Edegar Schmidt e Wianey Carlet e os repórteres Luís Carlos Reche, Luís Henrique Benfica e Ricardo Vidarte. Pela Gaúcha, foram os narradores Haroldo de Souza e Pedro Ernesto Denardin.

### 3.9 COPA DO MUNDO DE 1994 – (ESTADOS UNIDOS)

A Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, além do histórico tetracampeonato da Seleção Brasileira, mostra algumas alterações na narração das duas principais emissoras de rádio do estado. Foi a última Copa de Armino Antônio Ranzolin, o narrador que passaria, então, a dedicar mais tempo à gestão da Gaúcha, onde, desde dois anos antes, exercia a direção. Foi, também, o primeiro Mundial de Haroldo de Souza transmitido pelo microfone da Rádio Guaíba.

Nos estádios dos Estados Unidos, invertiam-se, portanto, as posições de ambos, que, da copa de 1974 a de 1982, disputaram a preferência dos ouvintes – Ranzolin na Guaíba e Haroldo na Gaúcha –, situação, em realidade, alterada nas de 1986 de 1990, quando ambos atuam pela emissora da RBS.

Ainda conforme Ferraretto (2007, p. 500-501),

Em 1991, a contratação de Haroldo de Souza quebra o predomínio histórico de narradores de estilo denotativo na emissora, conferindo, ainda, um caráter mais popular às irradiações de jogos de futebol pela Guaíba, que ganha abrangência e reacende a concorrência no rádio esportivo em Porto Alegre. (Ferraretto, 2007, p. 500-501)

Se aquela Copa seria a despedida de Ranzolin da Rádio Gaúcha, por outro lado, outro nome talentoso nome chegava à Gaúcha. Marco Antônio Pereira, que havia transmitido sua primeira Copa do Mundo pela Rádio Guaíba em 1990, agora dividiria o microfone nessa Copa, também, com Pedro Ernesto Denardin.

### 3.10 COPA DO MUNDO DE 1998 – (FRANÇA)

A última Copa do Mundo do século 20 teve algumas melhorias na qualidade das transmissões. A qualidade do som foi um diferencial em relação à edição de 1994, nos Estados Unidos. Ao todo, três emissoras de Porto Alegre focadas em radiojornalismo enviaram 25 profissionais à França.

A Rádio Gaúcha foi a emissora com maior número de profissionais envolvidos, com 13 funcionários. Os narradores foram Pedro Ernesto Denardin, Marco Antônio Pereira, Roberto Brauner e José Aldo Pinheiro. A Guaíba teve oito profissionais na cobertura, com destaque para Haroldo de Souza e Ricardo Vidarte, narradores dos jogos. A Band AM, por sua vez, não contou com narradores, pois transmitiu em cadeia com a Bandeirantes de São Paulo.

### 3.11 COPA DO MUNDO DE 2002 (COREIA DO SUL E JAPÃO)

A Copa do Mundo de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão foi um “divisor de águas” nos aspectos operacionais e de marketing esportivo em relação às rádios. É nesta Copa que marca o novo modelo de negociação sobre os direitos de transmissão das competições imposto pelas entidades organizadoras.

O Mundial de 2002 teve cobertura de três rádios gaúchas. Gaúcha, Guaíba e Pampa transmitiram a competição na qual Seleção Brasileira se sagrou pentacampeã mundial. A Rádio Guaíba enviou ao Oriente o narrador Haroldo de Souza. Pedro Ernesto Denardin foi o narrador principal da Rádio Gaúcha. Já pela Rádio Pampa, Roberto Brauner foi incumbido de narrar os jogos.

### 3.12 COPA DO MUNDO DE 2006 (ALEMANHA)

O custo elevado cobrado para transmissão dos eventos esportivos faz com que as rádios enxuguem a sua equipe nas irradiações na Copa do Mundo da Alemanha. Como em 2002, são novamente três rádios na cobertura Copa. Pela Rádio Guaíba, apenas Haroldo de Souza como

narrador. Na Gaúcha, segue Pedro Ernesto Denardin. A terceira concorrente é a Rádio Bandeirantes. Mesmo reproduzindo o áudio gerado pela matriz paulistana, o grupo envia para a Alemanha uma equipe com o narrador Daniel Oliveira.

### 3.13 COPA DO MUNDO DE 2010 (ÁFRICA DO SUL)

Primeira Copa do Mundo realizada no continente africano, teve grande quantidade de emissoras brasileiras na cobertura de seus jogos, transmitindo, inclusive pela internet. Ao total foram mais de 20 rádios.

A Copa de 2010 significou um novo salto para a Rádio Gaúcha, que transmitiu pela primeira vez uma Copa do Mundo em som estéreo. A transmissão na frequência de FM 93,7 permitiu, por exemplo, acompanhar-se o som da torcida de um lado e a voz de um repórter do outro. Ao todo, as rádios da RBS contaram com 10 canais simultâneos de áudio na África do Sul e transmitiu os jogos com uma rede de 150 retransmissoras de sete estados brasileiros. Pedro Ernesto Denardin e Marco Antônio Pereira foram os narradores. Sérgio Boaz, Ruy Carlos Ostermann, Nando Gross, Maurício Saraiva, José Alberto Andrade entre outros, fechavam a equipe mais numerosa de transmissão do rádio brasileiro numa Copa.

Pela Rádio Guaíba, foram enviados para a cobertura o narrador Haroldo de Souza e os repórter Luís Carlos Reche, Flávio Dal Pizzol e Rodrigo Oliveira. Foi a primeira cobertura de um Mundial realizada pela emissora após a venda para a Rede Record, ocorrida em 2007.

### 3.14 COPA DO MUNDO DE 2014 (BRASIL)

Maior cobertura esportiva já realizada pela Rádio Gaúcha, a Copa do Mundo proporcionou a produção de cerca de 700 horas de conteúdo à emissora. Com 31 profissionais credenciados pela Fifa, a emissora transmitiu e esteve presente nos 64 jogos do campeonato. Foram 54 jornadas esportivas, seis a mais que no Mundial anterior. Os jornalistas Marco Antônio Pereira e Pedro Ernesto Denardin narraram sete e seis partidas nas sedes, respectivamente.

Mesmo integrando como coadjuvante a Rede Verde e Amarela, a Rádio Bandeirantes local levou o trabalho de seus profissionais a todo o país com a cobertura do jogo Austrália e Holanda, realizado em Porto Alegre, que contou com a participação do narrador Daniel Oliveira e do comentarista Luís Carlos Reche.

A Rádio Guaíba, por pertencer ao Grupo Record, não obteve os direitos de transmissão das partidas e assim, ficou ausente da cobertura do primeiro Mundial, já que desde 1958, estivera em todas as competições deste tipo.

## 4. VENDEDORES DE ILUSÃO OU ENCANTADORES DE PLATÉIAS

A partir da contribuição histórica levantada até aqui, neste tópico o trabalho abordará questões referentes à análise das atividades do narrador, partindo do estudo da linguagem tanto esportiva quando radiofônica.

### 4.1 A LINGUAGEM ESPORTIVA

Criar imagens. Basicamente a linguagem radiofônica, segundo Cabello (1999, p.16), é o conjunto de elementos sonoros que se difundem para produzir estímulos sensoriais estéticos ou intelectuais. Assim, ela deve provocar no ouvinte a criação de imagens mentais construídas com base na palavra transmitida, na música, nos efeitos sonoros e no silêncio. Balsebre (1994) acrescenta que o ato de imaginar, a partir da linguagem radiofônica, é desenvolvido no cotidiano e assim se formam as *imágenes auditivas*.

El radioyente produce imágenes auditivas porque actúa com la imaginación em el processo de construcción /reconstrucción de una realidade multissensorial a partir de sensaciones auditivas. La imagen auditiva es el resultado de relacionar la consciência o conocimiento que de la realidade tiene el radioyente con el objeto sonoro-radiofónico que percibe. En esta relación analógico-simbólica o de indentificación-reconocimiento se encuentra la clave del fenómeno imaginativo-visual de la percepción radiofónica. Toda producción de imágenes auditivas por la imaginación del radioyente provocará siempre la intrusión del pasado (experiencias anteriores) em el presente comunicativo. (BALSEBRE, 1994, p.198)

Para ocorrer a conservação da palavra transmitida pelo rádio no seu público, os narradores/locutores necessitam ter um estilo próprio. As regras e o conhecimento da língua e de sua gramática são importantes requisitos de estilo (CABELLO, 1999, p. 17). A autora complementa que o *estilo*, basicamente, depende da intencionalidade da emissão e do público que se deseja alcançar.

A busca por um estilo próprio de narração no rádio esportivo, segundo Barbeiro e Rangel (2013), pode ser considerada como uma mescla de tentativa e erro. Em 1932, no início das transmissões esportivas no rádio, a linguagem era baseada essencialmente na construção da emoção. Com visto anteriormente, os locutores iniciais do rádio brasileiro, como Nicolau Tuma, Ary Barroso, Fiori Gigliott entre outros, conduziam suas transmissões esportivas de modo a criar um momento único, que marcasse o aquele instante na memória dos seus ouvintes. No decorrer dos anos, as narrativas mostram algumas alterações. A jornada



esportiva passou a ser mais organizada e os outros participantes (comentarista, repórteres, plantão) têm mais espaços, contudo o papel principal continua sendo do narrador, aquele que conta a história que acontece em campo.

Mesmo assim, nas primeiras transmissões, não fossem apenas estruturas precárias das rádios, os locutores ainda tinham um desafio a mais para superar. Encaravam a missão de conhecer o nome dos vinte e dois jogadores, já que apenas a partir de 1947 foi adotada oficialmente a numeração nas camisas de futebol no país. A solução imediata, segundo relatos, foi buscar nas características físicas dos atletas, como a cor da pele, às vezes a perna torta, o corte de cabelo diferente, algo que demarcasse quem estava com a posse da bola no momento. A introdução de apelidos também era e ainda é uma prática constante.

O futebol ganhou espaço na mídia, junto com o aumento da publicidade. As emissoras de rádio passaram a dar prioridade, muitas vezes, exclusiva para um confronto entre dois clubes. Para o noticiário esportivo, toda partida tem uma importância especial, mesmo quando se trata de amistoso ou um jogo de meio de tabela do campeonato brasileiro. Provocar a imaginação do ouvinte, construir a atmosfera do jogo e o seu discurso, investir em códigos de fácil compreensão, uma linguagem mais coloquial.

Por vezes rebatizar o universo futebolístico, buscando uma terminologia inédita que caracterize o próprio narrador é um dos objetivos para quem está no ar durante uma partida de futebol. Caracterizar uma jogada bem executada, um drible desconcertante, ou até mesmo o gol, com uma palavra recriada é o papel do narrador. Abreu (2001) destaca:

As metáforas, metonímias, hipérboles, onomatopeias, concretizadas nos bordões, transformaram-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração, permitindo ao ouvinte visualizar o campo de disputa e os jogadores. Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual. Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, o que aumenta a polissemia interpretativa. Uma imagem em cada mente. A enunciação – como ato de produção de um texto- consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência. (ABREU, 2001, p.2)

O uso de expressões que provoquem quem está prestando atenção na narração tenta levar o ouvinte ao clímax da disputa em campo. O estilo narrativo se destaca, ultrapassando o que por vezes seria um mero entretenimento. “O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas. O que os radialistas fazem na narração tem um pouco disso tudo” (SOARES, 1994, pg 34). A narrativa radiofônica desperta o imaginário e dá ao ouvinte essa liberdade de ver o jogo da e na forma

que lhe interessar ou emocionar. De certo modo, o narrar o jogo significa animar o público (FERRARETTO, 2001, p. 327). O rádio desobriga a vista e obriga o ouvido, empenha a imaginação.

Na linguagem radiofônica, é interessante constatar que o rádio é um veículo de grande alcance e deve ter uma linguagem simples, de fácil entendimento. É fundamental que as palavras sejam bem pronunciadas, já que, segundo Leite & Lobato apud Porchat (2004), “contar apenas com a audição significa que o som deverá suprir a falta de imagem. Isto demanda uma linguagem clara, nítida, para que o ouvinte veja através das palavras”. Buscar recriar a narrativa sonora em imagens mentais, que sejam de fácil compreensão do ouvinte, facilitando seu entendimento.

La imagen de la memoria, aunque representa experiencias pasadas [...] tende a producir mayor inquietud, mayor movimiento, um mayor sentido de familiaridade agradable. Algunas imágenes asociadas con objetos cotidianos pueden exhibir características de ambos tipos de imágenes, o pasar de um tipo al outro. (BALSEBRE, 1994, p.210)

Também pelo mesmo motivo, o discurso deve ser redundante, mas nunca cansativo. Assim, o ouvinte pode entender o assunto e recuperar o que já foi dito, mesmo que ligue o aparelho em meio há um programa já iniciado. Outra característica inerente ao rádio é a instantaneidade. Portanto, a linguagem é normalmente baseada na improvisação e na espontaneidade do profissional no momento em que passa a mensagem. Todos os grandes locutores se valem, até hoje, destes princípios para moldar suas transmissões. César (1999, p.64,65) acrescenta que a sensoriedade é um atributo íntimo da relação direta locutor-ouvinte. Nela, cabe ao locutor ter o discernimento de tomar decisões certas enquanto estiver *no ar*, para que haja a troca de confiança mútua entre os dois lados. Nesse atributo, são os detalhes de uma frase bem feita, uma crítica bem colocada que pode fazer a diferença na audiência.

O improviso, a busca pelo novo para chamar atenção, quase um show de *stand up* no ar durante os noventa minutos de bola rolando. A entonação do narrador esportivo no rádio permite que quem o escuta, consiga encontrar facilmente ou pelo menos tenha noção de onde está a bola. Expressões consagradas como a “zona do agrião” de Silvio Luís e “caroço de abacate” de Osmar Santos facilitam o trabalho da audiência em perceber que a bola está no centro de campo, por exemplo. “Criatividade, improviso, conhecimento, naturalidade, estar bem informado, ser agradável ao ouvinte, pois você deve se identificar com o ouvinte e não ao contrário. O radialista precisa ser agradável” (CÉSAR, 1999, p.84). Nesse contexto,

Ferraretto (2000) alerta com relação a um cuidado que o narrador precisa ter em relação ao ato de inventar: “O improvisado que marca as transmissões esportivas não significa a possibilidade de ignorar as regras de Língua Portuguesa. O profissional deve conhecer o idioma tão bem quanto às regras da modalidade que cobre.” (FERRARETTO, 2000, pg. 331).

A narração realça o futebol como um espetáculo que ultrapassa o conceito de mero entretenimento. Soares (1994) coloca que a narração poderia alterar a realidade, já que a preocupação com o espetáculo transformaria o locutor esportivo e muito provavelmente, quem o escuta. Diversas expressões utilizadas nas jornadas esportivas acabam ganhando o cotidiano das pessoas, dando sequência ao espetáculo iniciado pelo narrador. É o caso da criação de vocábulos e expressões idiomáticas que podem dar um contorno pessoal na locução, e também a ênfase em alguns vocábulos, como destaca Abreu (2001):

A enunciação – como o ato de produção de um texto – consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência. Não há lugar para o meio termo. Por isso, o vice-campeão no Brasil tem quase tanto valor quanto o último colocado [...] Os verbos, quase todos metafóricos, expressam o movimento dos jogadores, do juiz, bandeirinhas, técnico e torcida. Muitos destes verbos são trazidos do vocabulário popular e incorporados à narrativa, o que estabelece uma identificação de linguagem entre locutor e ouvinte. Existe um simulacro de interatividade, na medida em que o ouvinte tem a impressão de estar falando com um igual, alguém capaz de sentar-se com ele à mesa do bar para ouvir o jogo. (ABREU, 2001, p.2)

O uso de recursos semiológicos é classificado por Abreu (2001) como estímulos para o imaginário do torcedor, os quais são: identificação, visualização e velocidade. O primeiro se dá pelo uso das expressões que fazem parte do vocabulário popular. A troca de expressões entre locutor e ouvinte, a apropriação de tais expressões e seu uso no cotidiano. A visualização consiste na criação de vocábulos e expressões que transmitam ao ouvinte o que de fato está ocorrendo na partida. Ou seja, demarcações visuais que auxiliem na percepção dos lances. Nesse ponto, o papel do repórter ganha mais importância, pois dá dinamismo e uma cobertura mais apurada dos acontecimentos, seja no campo ou na arquibancada, passando veracidade ao ouvinte.

Soma-se a isso o aspecto da velocidade, que exalta o aspecto emotivo do espetáculo. A velocidade da narração, o prolongamento da sílaba tônica – “passa raspaaaaannnndo o travessão” ou “pêeeeeeeenalti” – reforça a emoção. O acento das palavras com “r” é marca registrada não só da transmissão esportiva, mas da locução radiofônica tradicional (ABREU, 2001). Como precaução, Barbeiro e Lima (2001) fazem a seguinte observação:

A emoção faz com que o jornalismo esportivo esteja sempre numa linha tênue entre a pieguice e a razão. Costuma-se dizer que não há cobertura esportiva sem emoção, mas o jornalista não pode se deixar levar por ela. O exagero é um passo a desinformação. A rapidez dos acontecimentos no esporte exige do jornalista a improvisação constante, mas as informações não podem ser recheadas de metáforas, erroneamente confundidas com estilo. (BARBEIRO e LIMA, 2001 p. 76).

Em “A Bola no Ar: O Rádio Esportivo em São Paulo” Edileuza Soares faz a contextualização histórica e biográfica do rádio esportivo e também apresenta uma divisão de estilos de narração em duas escolas principais: denotativa e conotativa. As definições de conotação e denotação são feitas por Coelho Netto (2006) na obra *Semiótica, Informação e Comunicação*.

A primeira segue a fórmula do pioneiro nas transmissões de futebol no rádio, Nicolau Tuma. Com pronúncia rápida e clara, priorizando a descrição do lance, os narradores ficaram notabilizados pela precisão e fidelidade ao que acontecia em campo, sem deixar nenhum detalhe de lado e trazendo uma visão menos metafórica da partida. “O narrador nada mais é do que o fotógrafo do que acontece. “Ele fotografa com a voz e comunica tudo que está vendo.” (SOARES, 1994, p. 56).

Seus representantes preocupam-se em dar ao ouvinte a imagem da partida pela utilização de signos denotativos, isto é, limitando seu vocabulário ao “primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto”. Exemplo: ao citar a esfera que, no futebol, deve ser impulsionada pelos pés dos jogadores para dentro do gol, o locutor desta escola diz: “bola”. (SOARES, 1994, p. 62)

Já a segunda, a escola conotativa, é identificada pelo uso de expressões que fogem à descrição literal dos lances. Bordões, apelidos e bom humor são as características mais comuns da escola conotativa, que tem Fiori Gigliotti, Geraldo José de Almeida e Osmar Santos como seus maiores expoentes.

A bola, que na escola denotativa era chamada apenas por bola, aqui pode receber outras formas de chamamento, como pelota, redonda, couro, criança. Capinussú (1997), em “A linguagem popular do futebol” fez um levantamento de 434 vocábulos empregados no cotidiano do comunicador esportivo, que representam muito mais que apenas palavras criadas para uma transmissão esportiva casual, mas comprovam a importância e influência exercida pelo binômio comunicador-espectador esportivo (CAPINUSSÚ, 1997, pg. 13).

Partindo para o case específico do narrador, Schinner (2004) destaca cinco características básicas que um narrador deve dominar:

- 1 – Aprenda a narrar muito bem futebol, com total domínio da modalidade.
- 2 – Esteja sempre preparado para acompanhar outros esportes
- 3 – Esteja apto a apresentar programas esportivos.
- 4 – Prepare-se para fazer entrevistas, quando necessário.
- 5 – Esteja pronto para fazer comentários, quando solicitado. (SCHINNER, 2004, p.76)

Versatilidade é a palavra chave para o narrador moderno, que deve dominar com desenvoltura cinco componentes:

1 – Emoção: é o elemento mais usado nas transmissões esportivas. Mas segundo Schinner (2004), deve ser controlado diante do microfone.

2 – Cultura e conhecimento: São as informações adquiridas pelo narrador durante a sua experiência cotidiana. São divididas em três segmentos: factual (dia-a-dia), genéricos (informações adquiridas, mas com fatos interligados), e específico (ligado à cobertura de jogo proposta). Quanto mais conhecimento adquirido, aumenta a capacidade de discernimento (SCHINNER, 2004, p.78).

3 – Liderança: Saber lidar com o grupo ao qual está inserido e, buscar alternativas à conquista de metas e perspectivas.

4 – Carisma, Credibilidade e Ética: É imprescindível conhecer bem as responsabilidades que o narrador tem diante do microfone. Seu trabalho deve ser baseado na transparência e gerido pela ética, a fim de conquistar a credibilidade com o seu público. O carisma será adquirido com o tempo, após atingir pontos como: eloquência, domínio do microfone, senso de humor, gestual correto e coragem para o novo.

5 – Valorização da palavra falada: neste elemento, o narrador esportivo deve focar na aproximação com seu ouvinte usando linguagem direta, simples, objetiva. As metáforas e as figuras de linguagem têm papel importante e facilitador nisso. Conforme Schinner (2004, p. 78), o narrador deve desenvolver técnicas que o deixem sempre “em cima do lance”, não perdendo eventuais jogadas e lances da partida. Imparcialidade e pronúncia correta da língua portuguesa são fundamentais.

Schinner (2004) ainda classifica as narrações em dois tipos: ancorada (o narrador conduz a transmissão, acontecendo, geralmente, na TV), pontuada (o locutor traz informações sobre os atletas da competição narrada, com seus perfis), comentada (caracterizada pelos

comentários são feitos pelo narrador, confundindo-se com o comentarista) e radical (uma narração com mais emoção, característica dos esportes radicais).

Com relação ao estilo de cada narrador, se leva em consideração características pessoais e ainda elementos estipulados pelos editoriais dos meios de comunicação. Os estilos podem ser classificados em dois tipos: Estilo Livre (ou Carismático) e Estilo Orientado (ou DDD), segundo Schinner (2004, p 194).

Os narradores do Estilo Livre têm como principal atributo enfatizar a emoção durante a transmissão. Ela pode ser colocada na narração sob o aspecto da simpatia, criatividade e sedução. São considerados mestres de cerimônia, conforme Schinner (2004), podendo ser amados ou odiados pelos ouvintes. O outro estilo de narração leva em conta os padrões ou formatos estipulados pela emissora. O Estilo Orientado se baseia no sistema DDD, que significa que a narração deve ser discreta, dinâmica, descritiva, ponderada, técnica e com emoção referente apenas ao contexto narrativo.

São destacadas por Schinner (2004), também, algumas questões importantes sobre organização, conhecimentos e memorização que o narrador deve buscar ter na vida profissional. Schinner apud Götz (2015, p. 36) observa outros detalhes fundamentais:

No futebol, por exemplo, é fundamental que o narrador conheça características como esquemas táticos, disposições e, inclusive, características físicas dos atletas para que a informação irradiada seja a mais precisa possível. É impossível identificar sempre o nome dos jogadores, números e outros detalhes. Mas não importa se o narrador possui características mais próximas do Estilo Livre ou Orientado. É necessário o conhecimento de causa. É com o passar do tempo e com a experiência que o narrador vai explorando potenciais e diferenciais como o improviso, situação em que se exige preparo profissional e emocional do narrador. É com o passar do tempo também que o locutor constrói seu estilo próprio, como no caso dos bordões e dos gritos de gol que, dependendo da audiência, podem ser bem aceitos ou não. (SCHINNER apud GÖTZ, 2015, p. 36)

## 4.2 NARRAÇÃO ESPORTIVA

Para escutar, consumir, aproveitar o que o rádio oferece não é preciso atenção total a fim de acompanhar o está sendo veiculado. O rádio possibilita que se possam fazer outras atividades ao mesmo tempo em que se acompanha, por exemplo, uma partida de futebol. Com a união do esporte com o rádio, têm-se a chamada narrativa esportiva, onde narradores, comentaristas, repórteres e plantões exercem suas atividades, e recriam, a cada partida, um

novo “universo” para o ouvinte. A narração, que no início se valia da utilização de palavras visuais e novas expressões para garantir a atenção do ouvinte, atualmente dada a concorrência imposta pela TV e mais recentemente com a internet, teve de conciliar a emoção com técnicas descritivas para melhorar a transmissão, tornando-a mais atraente e fiel ao andamento do que passa no gramado.

O desenvolvimento de uma linguagem própria do locutor no meio esportivo é característica substantiva que visa prender a atenção do ouvinte e transformar sua emoção em mercadoria simbólica. São usadas expressões que refletem o grau de envolvimento que é estabelecido entre futebol rádio e o público, e, também, como se dá a construção do sentimento desenvolvido pelo torcedor brasileiro em relação a imprensa e os clubes de futebol. Dessa forma, busca-se compreender a narração esportiva como um gênero de discurso maior, contido dentro da transmissão esportiva do rádio.

A narração lance a lance de uma competição é considerada o momento mais importante da cobertura esportiva de uma emissora, a transmissão de um jogo chamada de “jornada esportiva”. Ela compreende os momentos que antecedem a partida, a sua realização, ou seja, o jogo em si e o pós-jogo, quando se discute o que aconteceu com as equipes.

Após toda a preparação, o estudo dos times, dos árbitros e assistentes - o pré-jogo – é que se inicia o jogo propriamente dito. A partida de futebol terá duração de dois períodos iguais de 45 minutos cada, mais tempo de acréscimos concedidos pelo árbitro e 15 minutos de intervalo entre os dois tempos. Contudo, no rádio “a mecânica de cobertura [de um jogo] pode ser dividida em quatro fases definidas: a abertura, o jogo em si, o intervalo e o encerramento” (FERRARETTO, 2000, pg. 322). Partindo dessa classificação, o autor coloca alguns pontos a serem observados:

a) A Abertura:

- 1- O ambiente do jogo bem apresentado pelo narrador;
- 2- Repórteres informam a escalação dos times, o trio de arbitragem e outras informações básicas da partida;
- 3- O comentarista analisa a situação dos clubes que vão se enfrentar, fazendo uma projeção de como o jogo poderá se desenvolver;
- 4- O plantão traz informações adicionais como o retrospecto dos dois times, sua situação no campeonato etc.;
- 5- As reportagens são liberadas.

É comum a grande parte das equipes de jornadas esportivas seguir esse procedimento na abertura, havendo espaço para que narrador possa apresentar bem o panorama do embate e como poderá se desenvolver o jogo.

b) O jogo em si (os 90 minutos)

Com a bola rolando, o narrador esportivo se transforma em um “vendedor de ilusões”. Cabe a ele descrever o que ocorre num jogo de futebol com precisão e detalhes. O objetivo a ser alcançado é a emoção do torcedor, sua identificação com o time e os jogadores que o representam, levar a ele o mais próximo possível dos acontecimentos que quem está no estádio está presenciando, ou seja, passar a imagem do jogo.

O ouvinte deve saber instantaneamente, onde está a bola, quem está com ela, o que o jogador está fazendo com ela, quem está tentando tirá-la, em que direção o jogo tende, de que maneira o jogador se defende e em que ponto do campo tudo se processa. Isso é tremendamente complexo e requer uma capacidade realmente extraordinária de narração. Ao mesmo tempo, a própria voz deve indicar a situação de perigo, o peso do que ocorre. (CAMPOS apud FERRARETTO, 2000, p. 325).

Para que ocorra uma boa irradiação dos lances e cheguem ao ouvinte com qualidade é necessário uma boa afinidade e entrosamento entre toda a equipe da jornada.

A equipe que auxilia o narrador, formada pelo comentarista e pelos repórteres de campo, é fundamental para o perfeito andamento da transmissão [...] A função do repórter de campo é passar para o narrador uma visão diferente dos lances que acontecem na partida, pois ele fica localizado atrás das metas e no meio do campo. (LEITE & LOBATO, 2005, p. 66)

Para descrever o gol, a linguagem varia de narrador para narrador, havendo uma sequência pré-estabelecida para a entrada do repórter que faz as observações sobre o lance e está geralmente postado atrás da goleira. Depois a análise do comentarista sobre o momento do jogo e, por fim, a intervenção do plantão, que trás informações, curiosidades e dados estatísticos.

c) Intervalo:

No intervalo, é a vez dos repórteres, do plantão e principalmente do comentarista passar informações e opiniões a respeito do que acontecer na partida até o momento.



## d) Final de jogo:

Após o apito final do árbitro, repete-se, segundo Ferraretto (2000) a situação do intervalo. Movimentação de repórteres em torno de jogadores, entrevistas. Cabe ao comentarista, a análise final do jogo, a partir de questões táticas e desempenho, estatísticas e mais recentemente, a influência de redes sociais (GUIMARÃES 2016, p. 13). A transmissão de uma partida de futebol pode iniciar muito antes dos 90 minutos de bola rolando. Os treinos durante a semana, a preparação dos times para o confronto, os prováveis atletas que poderão ser titulares, a boa ou má fase que os times se encontram, o histórico de partidas entre as agremiações, tudo é posto em discussão antes da partida iniciar de fato e levado em consideração ao cabo do jogo para buscar justificar o resultado do certame.

A duração de uma jornada esportiva varia de emissora para emissora, dependendo da estrutura e do enfoque dado aos clubes. Algumas rádios têm programações que duram cinco, seis horas, dez horas, ao mesmo tempo em que outras realizam apenas a transmissão da partida, e desse modo as jornadas tem uma duração inferior, normalmente entre duas e três horas. Mas pode ocorrer, também, dois jogos no mesmo horário que sejam importantes para o contexto no qual a rádio está envolvida. Para não perder audiência e abranger um maior número de torcedores, algumas rádios optam pela chamada transmissão em *duplex*. Segundo Ferraretto (2001, p.328), neste caso, o narrador da partida com maior relevância irá comandar a jornada esportiva, tendo prioridade na narrativa dos lances. Resumindo, a abertura da jornada em *duplex* pode ser descrita da seguinte forma:

(..) uma ambiental apresentada pelo narrador do jogo principal; uma ambiental apresentada pelo narrador do jogo secundário; repórteres do jogo principal informam a escalação dos dois times, trio de arbitragem e outros dados básicos do jogo; o comentarista do jogo principal analisa a situação dos dois clubes que vão se enfrentar; o plantão traz as informações adicionais como o retrospecto dos dois times do jogo principal etc.; o narrador do jogo secundário passa a chamar os repórteres e o comentarista; repórteres do jogo secundário informam as escalações dos times, trio de arbitragem e outras informações básicas do jogo; o comentarista do jogo secundário analisa a situação dos dois clubes, fazendo uma projeção da partida; o plantão traz informações adicionais, como o retrospecto dos dois times do jogo secundário, sua situação no campeonato etc.; o narrador do jogo principal reassume a condução do trabalho e, conforme o caso chama mais informações para, após, liberar as reportagens. (FERRARETTO, 2001, p.330)

Há emissoras que buscam a cobertura das chamadas concentrações, que são na realidade os locais onde os atletas aguardam antes de se dirigirem ao estádio de futebol. Os principais alvos dos repórteres são os atletas, membros das comissões técnicas, e até mesmo os torcedores são vistos como fonte para que se possa passar o clima do jogo, mostrar a forma

como a equipe está nos momentos finais de sua preparação e manter a audiência constante. Os clássicos (partidas entre clubes da mesma cidade, equipes tradicionais e que possuem uma rivalidade antiga dentro do mundo do futebol) e até mesmo partidas decisivas em campeonatos possuem valor notícia para terem um acompanhamento mais detalhado.

## 5 NARRADORES

Com o levantamento histórico produzido e a compreensão da linguagem radiofônica, no próximo tópico abordado o desenvolvimento da narração no rádio porto-alegrense a partir de depoimentos de alguns de seus principais protagonistas, expondo, também, as mudanças na narrativas.

### 5.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Na busca por uma contextualização da história do rádio esportivo, optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica qualitativa. Inicialmente um levantamento bibliográfico possibilitou situar a história do rádio na cobertura esportiva para posteriormente apresentar a trajetória de alguns narradores que construíram suas carreiras no rádio esportivo e que ainda se dedicam às narrações de futebol. A coleta dos dados foi feita a partir de entrevistas pessoais, que tiveram questionário previamente elaborado. O percurso metodológico parte da exposição de um ponto comum, que no presente estudo é sobre o início da carreira de cada profissional, dando prioridade à narração esportiva em rádio e analisando sua colaboração para o desenvolvimento do rádio gaúcho. São resgatadas, também, as participações marcantes que cada profissional teve enquanto narrador e seu estilo de narração.

Para a produção e escolha das entrevistas optou-se pelo período compreendido entre 1957, que é data de inauguração da Rádio Guaíba, e 2017, ano simbólico para a emissora que completou 60 anos. Nesse intervalo de tempo, ocorreram mudanças significativas no rádio gaúcho, realçando sua importância. Antes do surgimento da Rádio Guaíba, que pertencia à Empresa Caldas Júnior havia no mercado radiofônico de Porto Alegre quatro rádios: Gaúcha, Farroupilha, Difusora e Itaí. Era a ‘Fase de Ouro’ do rádio, onde predominavam os programas de auditório, radionovelas e, em menor escala, o jornalismo e as transmissões esportivas. A Rádio Guaíba inaugura uma nova fase no rádio regional, focando na qualidade e organização de sua programação, diferente de suas concorrentes. Outro recorte efetuado no estudo é a cobertura da Copa do Mundo de 1958 pela Rádio Guaíba. Assim, se opta por destacar dois narradores que participaram das Copas do Mundo realizadas entre 1958 e 2014. Haroldo de Souza, 74 anos e que participou da transmissão de 11 Copas do Mundo e, também, Pedro Ernesto Denardin, 67 anos e que se prepara para a sua décima primeira Copa. Celestino

Valenzuela, que foi um dos narradores pioneiros, quando integrou a equipe da Rádio Itaí e posteriormente da Rádio Farroupilha. Valenzuela também obteve destaque quando passou a chefia de departamento de esportes da Rádio Gaúcha, e posteriormente como narrador da RBS TV. E na tentativa de trazer um olhar sobre o futuro da narração esportiva nas rádios gaúchas, Luís Magno, 33 anos, que atualmente atua como narrador na Rádio Guaíba e Angelo Afonso, 23 anos, narrador da Rádio Grenal.

## 5.2 CELESTINO VALENZUELA

Filho de oficial do exército, Celestino Moreira Valenzuela nasceu em Alegrete-RS, no dia 09 de junho de 1928. A profissão do pai fez com desde cedo sua vida fosse marcada por mudanças. Com 18 anos, tentou seguir carreira militar, viajando ao Rio de Janeiro e estudar num curso para cabos da Aeronáutica. Depois de quase três anos em terras cariocas, Celestino voltou ao Rio Grande do Sul e fez testes em peneiras de Grêmio, Internacional e times do interior do estado. Foi jogador profissional do Cruzeiro, de São Gabriel, até que acabou rompendo o menisco e assim teve de abdicar dos campos e assim procurar outra profissão. Seu início a frente de um microfone se deu em São Gabriel mesmo, quando foi convidado para substituir o locutor principal da rádio da cidade: ‘meu início se deu lá em São Gabriel. [...] Depois de operar o joelho, tentar voltar a jogar futebol, vi que não era mais o mesmo atleta de antes e fui convidado para fazer um teste na rádio de lá. Lia comerciais e notícias’, relata Celestino em entrevista ao autor. Bem habituado ao rádio, tentou a sorte em Porto Alegre e foi contratado pela Rádio Itaí.

Era uma rádio pequena, mas fiz um teste e passei para ser narrador. (...) Comecei como repórter, atrás da goleira. Quando a Itaí entrou, tinha potências, como Farroupilha, Gaúcha, Difusora depois a Guaíba. A Itaí era a menor e tinha a maior dificuldade. Mesmo assim, tinha boas coberturas esportivas. (VALENZUELA, 2018)

Sua primeira narração foi no antigo Estádio dos Eucaliptos, em uma partida entre Internacional e Pelotas, pelo Campeonato Gaúcho. No final dos anos 1950, o nome de Celestino Valenzuela havia ganhado o mercado, quando Salimen Júnior, então diretor da Rádio Farroupilha, o contratou para narrar jogos.

Na primeira semana, já comecei narrando futebol e apresentava uma resenha esportiva diariamente, com notícias e entrevistas gravadas. Também fiz outros

programas, além da locução comercial. Aí eu tive muita sorte, porque dali a pouco tempo, a TV Piratini iria ser inaugurada, a primeira televisão do Rio Grande do Sul. Na rádio só se falava na TV e me chamaram para fazer teste. Então fiquei trabalhando na TV e no rádio durante um bom período, até surgir a oportunidade de fazer uma jornada esportiva televisiva. (VALENZUELA, 2018)

A inauguração da TV Piratini, a primeira televisão do Rio Grande do Sul, foi marcada por muita festa e comemoração no alto do morro Santa Tereza e contou, inclusive, com a presença de Assis Chateaubriand, dono dos Diários e Emissoras Associados, ao qual a Farroupilha fazia parte. O período de Valenzuela entre narrações na Farroupilha e na TV Piratini durou cerca de três anos, quando após desentendimento com o diretor da TV, pediu demissão, e logo foi contratado pela Rádio Difusora. Após seis anos à frente de uma programação variada na Rádio Difusora, com narrações de jogos de futebol e outros esportes, foi a vez de receber um convite de Mendes Ribeiro, diretor de esportes e narrador da Rádio Gaúcha, para trabalhar na emissora da Rede Brasil Sul de Comunicações.

Topei na hora e pedi demissão da Difusora”. Era agosto de 1970 [...]. Além de futebol, narrava também futsal, vôlei, basquete e ainda fazia uma resenha esportiva no final do dia [...]. Meu primeiro programa como apresentador foi o Domingo Esporte Show, todos os domingos de manhã.(STREB e MEDITSCH, 2014, p.63)

Empatia e alegria eram as marcas de Celestino Valenzuela nas apresentações de seus programas, e não demorou muito para que estreasse na TV Gaúcha, da Rede Brasil Sul de Comunicação. Na estreia do Jornal do Almoço, programa que poucos acreditavam, já que o horário do meio-dia não era atrativo, lá estava o radialista, encarando a apresentação do esporte. "Fazia uma espécie de loteria esportiva. Dava cada dica furada sobre os resultados dos jogos. Fiz muita molecagem. Fiquei atrás da goleira, dei notícias sobre o cenário esportivo em nível estadual e nacional, e, ao longo dos anos, fomos inovando", afirma em entrevista ao autor, completando que a estreia em narrações na TV aconteceu em uma partida de Grêmio e Pelotas, pelo Campeonato Gaúcho. Ele explica como são as diferenças principais entre narrar em TV e narrar em rádio:

A narração de rádio tem muito mais valor e responsabilidade que a da TV. Quando eu saí do rádio para a TV eu achei aquilo fantástico, porque era uma facilidade tudo aquilo na TV. O rádio tu precisa informar o ouvinte, mantê-lo ligado em tudo que acontece. A TV te mostra tudo que acontece, tem determinados momentos que tu não precisa dizer nada. Mas tu precisa guiar tudo àquilo para o telespectador, citar um bom jogador, ter referências históricas. (VALENZUELA, 2018)

A partir da TV Gaúcha, Celestino Valenzuela se firmou com um dos grandes nomes do telejornalismo esportivo do Rio Grande do Sul. Vieram os títulos do Grêmio pela Copa Libertadores e do Mundial de Clubes em 1983, além dos três títulos do Internacional pelo Campeonato Nacional em 1975, 1976 e 1979. As inspirações para uma narração tão popular vieram do rádio, conforme relata.

Em narração esportiva, o Antônio Carlos Resende. Não é porque trabalhei com ele muitos anos na Itaipó, mas era um senhor narrador, disparado o melhor narrador esportivo daqui. Tinha os do Rio e São Paulo, grandes narradores. Mas o que eu ouvia, me inspirava, foi o Resende. Ele sempre estava em cima do lance, não perdia nenhum e tinha um vozeirão daqueles. (VALENZUELA, 2018)

Fora das telas desde 2012, quando participou do extinto programa *Lance Final*, da RBSTV, Celestino Valenzuela hoje se dedica a cuidar da sua saúde e um hobby que nunca largou: pescar.

### 5.3 HAROLDO DE SOUZA

Narrador de 11 Copas do Mundo, Haroldo Joaquim de Souza, nasceu no dia 10 de dezembro de 1944, em Jacarezinho, cidade do interior do Paraná. Oriundo de família humilde, ajudava o pai que era caminhoneiro e desde muito cedo teve contato com o rádio e o futebol. Pela proximidade com o estado de São Paulo, o “Magrão”, apelido que ganhou ainda jovem, tinha muito contato com a cultura do estado vizinho.

Depois de ganhar um rádio portátil, aos 12 anos, começou a escutar emissoras do centro do país e narrar ficticiamente jogos de futebol. Foi ouvindo as frequências paulistas que Haroldo encontrou seus principais inspiradores, como Pedro Luis e Fiori Gigliotti.

Eu desde pequeno eu acompanhava muito a precisão do Pedro Luís, na Rádio Tupi de São Paulo. Foi o narrador mais preciso do rádio brasileiro que eu conheci até hoje. Então a precisão do Pedro Luís me inspirava muito nesse sentido. Mas o lado emotivo, o lado sentimental, era com o Fiori Gigliotti da Rádio Bandeirantes, também de São Paulo. Então eu procurei aliar, narrar com precisão o lance e ao mesmo tempo colocar o sentimentalismo emocional nas jogadas como fazia o saudoso Fiori Gigliotti. (SOUZA, 2018)

Em 1962, Haroldo de Souza iniciou sua carreira, aos 17 anos, na Rádio Castro, na cidade de mesmo nome. Teve passagem pelas rádios Cultura e Atalaia, ambas do Paraná. Em 1969, Haroldo participou de um concurso para locutor, na Rádio Alvorada, de Londrina. Entre

32 candidatos, Haroldo de Souza terminou na segunda posição, porém, como o primeiro colocado desistiu, Haroldo ficou com a vaga. Iniciadas as atividades na Rádio Alvorada, em junho de 1969, após cinco meses já estava no Maracanã, no Rio de Janeiro, para cobertura dos jogos de eliminatória do Mundial de 1970, no México.

A grande mudança na carreira de Haroldo de Souza, que o projetou definitivamente para o cenário do rádio esportivo brasileiro, aconteceu em 1970. A convite de Osvaldo Faria, na época diretor da rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, Haroldo foi para umas das principais emissoras do país e assim ganhou a oportunidade de narrar sua primeira Copa do Mundo, e justamente quando o Seleção Brasileira conquistou o tricampeonato mundial no México. Quatro anos depois, narrou a Copa da Alemanha, vencida pelos donos da casa, contra a Holanda. Foi nesse período que o “Magrão” criou seus mais importantes bordões, principalmente o “Adivinhe!”. Além de criar um estilo próprio de narração, onde consagrou seus bordões, Haroldo também coloca outro ponto fundamental para uma boa narração no rádio.

*A precisão do lance, sempre. Você se preocupar em não errar o nome do jogador, mas principalmente, ao narrar o jogo estar onde a bola está. Você não pode fazer uma narração se você não estiver atentamente ligado onde está a bola. Não importa se ela está na lateral para ser cobrado um arremesso de lateral. Você tem que estar olhando sempre para a bola. Por que se você estiver onde a bola está, você está com a narração precisa, e a narração só é precisa se você realmente estiver em cima do lance. (SOUZA, 2018)*

Conhecido nacionalmente foi então a partir de 1974, que o Rio Grande do Sul passou a estar presente em sua vida. Haroldo foi observado por Nelson Sirotsky e por Paulo Sant’Anna, da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, recebendo a primeira proposta para trabalhar no estado. Vantajosa financeiramente, a possibilidade se tornou real dias depois do término da competição. Em apenas 13 anos de carreira, ele partia para a sua quinta cidade e seu terceiro estado diferente.

Na Rádio Gaúcha, onde permaneceu até 1991, Haroldo narrou as Copas de 1978, 1982, 1986 e 1990. Foram 17 anos no Grupo RBS. Ele deixou a empresa após receber seguidas propostas do Grupo Caldas Júnior. Na última e mais forte delas, transferiu-se para a Rádio Guaíba, onde foi considerado a voz da emissora durante todos os anos 1990. Foi lá que Haroldo narrou as Copas do Mundo de 1994, 1998, 2002, 2006 e 2010. Sua última jornada esportiva pela “rádio de todas as copas” foi justamente no seu último Mundial. Em 2010 ocorreu a saída do narrador Haroldo de Souza, que havia sido, durante 19 anos, o narrador

número um da rádio. Ainda houve tempo para Haroldo narrar o bicampeonato do Internacional da Copa Libertadores, contra o Chivas Guadalajara, do México. Souza, porém, se transferiu para a Rádio Bandeirantes AM 640, onde, no final de 2010, participou da cobertura do Mundial de Clubes da FIFA, em Abu Dhabi, no Emirados Árabes. Em 2012, Haroldo de Souza foi demitido da Rádio Bandeirantes e acertou sua ida para a Rádio Grenal, do Grupo Pampa de Comunicação. Atualmente, divide a narração com o jovem narrador Angelo Afonso, e participa, nas segundas e sextas-feiras do programa Dupla em Debate, onde tem a companhia de profissionais experientes como Roberto “Pato” Moure, que atuou na Rádio Gaúcha como repórter, durante os anos 1970, e de Darci Filho, que foi colega de Haroldo na Gaúcha.

E nesses quase 60 anos de carreira, o “Magrão” coleciona grandes momentos vividos na narração esportiva, bons e ruins.

Foram muitos, muitos momentos que estão gravados. Posso destacar quando o Grêmio foi campeão lá no Japão, eu estava lá. Aquela vitória do Grêmio na prorrogação com os gols do Renato foi um momento muito emocionante. Como depois foi emocionante em 2006, quando o Gabiru fez o gol pelo Internacional. Copas do Mundo, o jogo que mais marcou foi a derrota do Brasil contra a Itália, no desastre de Sarriá, quando o Brasil era o maior favorito da Copa e foi derrotado pela Itália, e o Paolo Rossi foi quem fez os gols, dos 3 a 2. Aquele dia foi mais amargo em termos de narrações. (SOUZA, 2018)

Aos 73 anos, Haroldo segue como principal narrador na Rádio Grenal, da Rede Pampa de Comunicação. São 169 clássicos Gre-Nal a serviço do rádio gaúcho até a data de impressão dessa monografia e 11 Copas do Mundo, num currículo que já está na história do rádio esportivo brasileiro.

#### 5.4 PEDRO ERNESTO DENARDIN

A Copa do Mundo de 2018 na Rússia será a décima primeira de Pedro Ernesto Denardin, que vai acompanhar, mais uma vez, com a Rádio Gaúcha, a busca da Seleção Brasileira por mais um título mundial. Natural de Porto Alegre, mais precisamente do bairro Glória, zona sul da capital do estado, Pedro Ernesto já foi de motorista de táxi a cantor de música tradicionalista. Mas a faceta que mais prevalece é a de narrador esportivo. Entrevistado na Rádio Gaúcha em março de 2015, o principal locutor da emissora, declarou:



"Eu não sei fazer mais nada, eu só sei narrar". Pedro Ernesto começou a sua carreira em 1974, quando, após um concurso para narradores da Rádio Gaúcha, acabou ficando em segundo lugar. O primeiro foi Nilton Azambuja, que ficou com a vaga. Apesar de não conseguir um emprego de início, o locutor seria premiado por seu talento e foi utilizado pela Rede Brasil de Sul na Rádio Farroupilha, para integrar a equipe de jornada esportiva. Antes, Pedro Ernesto, fora taxista, dos 18 aos 21 anos, narrando e comentando jogos de várzea.

Quando eu tinha 23 anos, a Gaúcha fez um concurso de narrador, tinha 32 inscritos e ficaram dois, e era um e fui dispensado. O outro era o Nilton Azambuja. Aí o pessoal da Farroupilha ficou sabendo e me levaram pra lá. Fiquei 6 meses lá, peguei experiência e aí o Mendes Ribeiro assumiu aqui na Gaúcha, me chamou e eu vim imediatamente pra cá [na Rádio Gaúcha]. (DENARDIN, 2018)

A primeira partida, conforme relato do mesmo, foi uma vitória do Internacional sobre a Portuguesa, por 1 a 0, no estádio Beira-Rio, em 12 de dezembro de 1973. Em pouco mais de seis meses, Denardin passou de repórter a chefe de reportagem na Farroupilha, mas acabou deixando a emissora e se transferindo para a Rádio Gaúcha, a pedido de Mendes Ribeiro, que à época era narrador e chefe de reportagem da emissora.

Até 1984, o narrador permaneceria na mesma empresa, até ser contagiado pelo projeto da Rádio Sucesso, do publicitário Roberto Franchini.

A Gaúcha havia contratado o Armindo Antônio Ranzolin. Na minha frente, havia ainda o Haroldo de Souza e o Roberto Brauner. Pensei: "Não quero ser o quarto narrador, vou montar uma rádio para mim". Foi quando criamos o projeto da Rádio Sucesso, eu, o Wianey, o João Garcia, Cacalo, o Rafael Bandeira dos Santos, o Daltro Menezes e o Hugo Amorim. Sérgio Boaz e Ricardo Vidarte eram os repórteres, iniciavam na carreira. A equipe era legal, mas a rádio não pegava na Azenha. Claro que não deu certo. Foram quatro meses. (DENARDIN, 2018)

Após uma breve passagem pelos microfones da Rádio Bandeirantes, Denardin retornaria à Gaúcha, para então participar da transmissão de sua primeira da Copa do Mundo. Realizada na Argentina, em 1978, o mundial foi o mais importante para o narrador, pois o projetou para o radiojornalismo esportivo.

Estava escalado pela Gaúcha, mas o Ruy Carlos Ostermann chegou para assumir a rádio, no lugar do Mendes Ribeiro. A primeira atitude dele foi me tirar da Copa. A cinco dias do início dela, o Luís Carlos Prates foi para a Guaíba. O Ruy tentou o Resende e o J.B. Telles. Não conseguiu e, finalmente, fui para a Copa. Saí-me muito bem. Fiz entrevistas exclusivas na concentração da Argentina, com o (técnico) César Menotti e o Ortiz (ponteiro-esquerdo). O Ruy se rendeu: "Sensacional o que tu fazes. Não queria te trazer, mas está surpreendendo. Em paralelo, narrava jogos pela tevê, os tubos, como dizemos. Fui tri bem." (DENARDIN, 2018)

Além de narrar alguns jogos, Pedro Ernesto fez trabalhos de repórter, entrando em concentrações e colhendo boas entrevistas. Segundo ele, foram 8 anos de repórter que o ajudaram muito no seu desenvolvimento profissional (GÖTZ, 2015, p. 176).

De acordo com Ferraretto (2007), após a saída de Haroldo de Souza da Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto tornou-se, no início dos anos 1990, o segundo narrador da emissora, atrás de Armindo Antônio Ranzolin. Ainda assim, fazia jornadas na qual exercia o trabalho de repórter e também apresentador, a frente do programa Show dos Esportes. A afirmação na narração da Rádio Gaúcha veio com a aposentadoria de Ranzolin em 1995, quando se tornou o narrador número um da emissora do grupo RBS.

Seguiram-se decisões de campeonato de Grêmio e Internacional até o final da década sob o comando do narrador. Em 1998 Pedro Ernesto narrou sua primeira decisão de Copa do Mundo, onde o Brasil foi derrotado pela França. “É demais” tornou-se seu principal bordão, e é dito toda a vez que Pedro Ernesto busca ressaltar o grau de importância de um lance no jogo ou de algum acontecimento na transmissão.

Como inspiração, Denardin buscou as qualidades de dois narradores em especial, conforme relatou ao autor, em entrevista pessoal.

Eu acho que cada um tem um pouco de tudo. O cara que eu fui mais parecido foi o Mendes Ribeiro e o Pedro Pereira. Eles tinham uma forma de narrar e a minha ficou semelhante à deles, até por uma questão de voz e tal, de ritmo. Mas eu tenho um estilo pessoal, eu não os segui, fiz uma coisa que é minha. Porque quando tu imita, tu fica pior que o imitado e não cria nada de novo. De cada uma tu consegue tirar um pouco, os pontos positivos, avaliar as características. Eu não teria uma escola de narração específica, mas como escola de narração seria o Mendes Ribeiro e o Pedro Pereira. (DENARDIN, 2018)

A afirmação de Pedro no microfone da Gaúcha vem junto com a consolidação da emissora na liderança de audiência diante das concorrentes, principalmente a Rádio Guaíba. Processo que ocorre desde o final da década de 1970.

Na década de 70 a Guaíba ainda tinha o predomínio. Aí veio o Ruy Carlos Ostermann pra cá e foi feito uma equipe bem disposta, bem organizada e começou a virar o jogo. E aí depois veio o Ranzolin pra cá também e depois, em 82, começou a ter um empate técnico, algo assim e com o Ranzolin, mudou completamente, o que se vê até hoje a nossa grande audiência. Na Copa do Mundo de 1986 nós já tínhamos o domínio da audiência, problema que o Brasil parou nas oitavas para França. A nossa sintonia já era muito maior, tínhamos uma equipe muito mais estruturada, as coisas funcionavam muito melhor. (DENARDIN, 2018)

A Rádio Gaúcha é a principal emissora do Rio Grande do Sul atualmente e isso se deve muito às transmissões, inclusive, com exclusividade para o estado, de competições como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Soma-se a isso o fato da Rádio Guaíba, sua maior rival, não ter conseguido os direitos de transmissão da Copa do Mundo que acontecera justamente no Brasil, ficando pela primeira vez de fora. O fato se repetirá novamente nesse Mundial da Rússia de 2018, com a exclusividade de transmissão pela Rádio Gaúcha para o estado.

## 5.5 LUÍS MAGNO

Se o rádio gaúcho ainda conta com alguns nomes históricos em suas ondas, como Haroldo de Souza e Pedro Ernesto Denardin, há de se falar, também, no futuro da narração esportiva. E isso passa pelas novas vozes que debutam no rádio porto-alegrense. Voz, talvez, um tanto desconhecida para os ouvintes da capital gaúcha nas jornadas esportivas, mas já com bastante rodagem pelo interior do estado do Rio Grande do Sul. Na tarde de 12 de agosto de 2017, Luís Magno voltou a entrar no ar pela Rádio Guaíba e, assim, mostrando seu talento, novamente para o microfone da capital. Tendo iniciado a carreira no rádio em 1999, na Rádio São Leopoldo de Esteio, Magno acumula boas passagens em rádios por diversas regiões do estado. O são-luisense já havia passado pela própria Guaíba em 2002, como estagiário, mas não obteve continuidade.

Fiquei um ano na Guaíba como estagiário, fazia de tudo. Depois disso, na Rádio Equipe em Santa Cruz do Sul, transmitindo jogos do Sapucaense, jogos de futsal... Depois ainda trabalhei na Pampa, de 2007 até 2010, narrando jogos. Fui para Santa Cruz, trabalhei por lá mais uns cinco anos. Aí veio Caxias do Sul, na Rádio Caxias, onde estive por cerca de dois anos e meio. E aí em agosto do ano passado, acertei aqui com a Rádio Guaíba. (MAGNO, 2018)

Está com 34 anos, começou a carreira no rádio quando estava com 15. Mas, antes disso, já sonhava em um dia narrar um jogo de futebol. Ele passou a infância na localidade da Serrinha do Rosário, que hoje pertence ao Rolador. Criado pelos avós Homero e Marcelina de Oliveira, desde criança, ouvia os jogos transmitidos pelas rádios locais em cadeia com a Guaíba e Gaúcha, o que despertou a vontade de trabalhar com narração dos jogos. Magno não

esconde que virou fã de nomes consagrados, como Haroldo de Souza, Armindo Antônio Ranzolin, Milton Jung.

A descrição da cena é sua primeira preocupação e depois tenta dar velocidade e objetividade à transmissão, deixando claro que o papel do narrador é narrar.

Durante o jogo, o narrador não opina. Ele deve narrar o jogo, descrever o jogo. No máximo propõe uma questão ao comentarista, mas não induz o teu pensamento. O comentarista está ali justamente para comentar, senão seria parecido com o Galvão Bueno (narrador, comentarista e repórter). Eu tento evitar os comentários, me polio para isso. Hoje em dia já está mais definida a situação de comentaristas, repórteres e narradores, mas antigamente havia uma liberdade maior em razão a ‘mistura’ de papeis. (MAGNO, 2018)

Luís Magno destaca com principal momento da sua carreira o jogo pelo qual foi chamado de volta para a Rádio Guaíba, segundo ele, essa partida foi fundamental na sua carreira, além de ser um clássico do futebol gaúcho.

O jogo mais importante não vou citar por ter sido decisão, já fiz final de Libertadores pela Rádio Gazeta de Santa Cruz, do Inter em 2010. Mas eu vou buscar pelo mais importante que foi o que me trouxe de volta à Porto Alegre, que foi o clássico Ca-Ju, pelas quartas-de-final do Campeonato Gaúcho de 2017, em que o Caxias ganhou por 1 a zero do Juventude no estádio Alfredo Jaconi. Esse foi o jogo que o Nando Gross acompanhou, me ouviu e imediatamente entrou em contato para mim voltar a trabalhar na Guaíba em Porto Alegre. (MAGNO, 2018)

Aposta do coordenador de jornalismo esportivo, a época Nando Gross, Luís Magno ganhou espaço após a saída de Marco Antônio Pereira na equipe.

A equipe de narração da Rádio Guaíba não tem uma hierarquia imposta, mas por ordem temos o José Aldo Pinheiro, depois o Orestes de Andrade e eu sou o terceiro. Eventualmente o Rafael Pfeiffer que é repórter narra também. A divisão dos jogos se dá geralmente de maneira igualitária, entretanto ultimamente as decisões de campeonato, as finais como a da Libertadores que o Grêmio disputou estão ficando com o Zé Aldo. (MAGNO, 2018)

Magno se vê como um narrador do estilo descritivo, prezando pela total clareza do que acontece no campo de jogo, e também tenta manter uma boa velocidade na sua narração.

Eu levo essa minha forma mais antiga de transmissão. Imitava o Haroldo antes, aos poucos fui pegando um pouco de cada, como a seriedade do Ranzolin, a precisão do posicionamento dos jogadores dentro de campo como tinha Milton Jung, procuro pegar um pouco de cada um e fazer a minha forma, e dar velocidade à narração. Evidente que a partida vai te conduzir também. Eu tento colocar a narração da mesma forma. Falar o máximo possível do posicionamento do jogador. Tento pegar esses aspectos e situar o ouvinte. E tem que entender o contexto da partida, como um clássico Gre-Nal, um clássico Ca-Ju, tu te eleva dentro do jogo. É diferente. Nas

decisões, tu precisa captar a atmosfera do jogo, a importância daquela partida. (MAGNO, 2018)

Além de narrador na Rádio Guaíba, Luís Magno acumula função de apresentador nas tardes de segunda à sexta, o que lhe dá mais experiência para galgar posições na equipe de jornada. Conforme Magno (2018) “os planos para mais adiante é ser o narrador número 1 da Rádio Guaíba, esse é o meu pensamento. Eu trabalhar, narrar da melhor forma possível e me preparar para estar pronto para ser o narrador número 1 da Guaíba no futuro”, conclui.

## 5.6 ANGELO AFONSO

Unir o passado com o presente, buscar o aprendizado a partir das antigas referências e com isso, se firmar como um dos principais narradores da nova geração no rádio esportivo do estado. Filho de Rudimar Piccinini, grande nome da narração esportiva do interior do Rio Grande do Sul, Angelo Afonso mostra que a narração esportiva está no sangue. Com 24 anos, é um dos narradores mais jovens em atividade e mesmo com a pouca idade, já teve bastante experiência antes de chegar Rádio Grenal, emissora na qual trabalha atualmente.

Eu comecei a brincar de narrar muito cedo por conta do meu laço familiar, o meu pai que é narrador. Aí eu acompanhava ele nos jogos, nas transmissões e fui pegando gosto. Com 12 ganhei um notebook e assim comecei a gravar minhas narrações. Mais tarde, montei uma web rádio, com uma turma de Campinas-SP. Era a Anexo e Reflexo, e tinha a equipe De Olho Nos Esportes. Nisso narrei futebol, baseball, basquete, automobilismo, muita coisa. Tudo começou em função do meu pai e aí com 15 anos recebi a primeira oportunidade na Rede Encanto de Comunicação. Primeiro na Copa do Mundo de 2010, na África, narrando por *off tube*. (AFONSO, 2018)

Em 2013, foi contratado para o quadro de locutores da Rádio Grenal. Nesses oito anos narrando profissionalmente, passando pela Rádio Encanto, Rádio Emoção e Rádio Grenal, Angelo teve muitas experiências que ajudaram a moldar o narrador que é hoje. A convivência no trabalho com Haroldo de Souza, ícone da narração esportiva brasileira, é sempre motivo de aprendizado para jovem narrador.

Pra mim é o maior narrador da história do Rio Grande do Sul, o cara que esteve em todas as grandes conquistas do Brasil, desde 70, de Grêmio e também do Internacional. Indiscutivelmente é o grande nome da narração do Rio Grande do Sul, é o nosso número 1 na Rádio Grenal. E eu aproveito para aprender o máximo possível com ele. No ar, a gente fica junto muito pouco, não participa dos mesmos programas, mas consigo ter contato com ele ao vivo nas jornadas duplex, onde são

transmitidos dois jogos do mesmo horário, preferencialmente da dupla Grenal.(AFONSO, 2018)

Entre Haroldo Souza e Angelo Afonso, há uma história de mais de 50 anos que os separa, mas, que ao mesmo tempo, os une na Rádio Grenal, apelidada por Haroldo de a “caçulinha” do rádio gaúcho. A equipe de narração da Rádio Grenal hoje é composta pelo Haroldo de Souza, o próprio Angelo Afonso, seguido de Henrique Pereira, que está começando, é o chamado narrador repórter, pois também participa das jornadas.

Para uma boa narração, Angelo considera dois pontos importantes, que outros narradores mais experientes também citaram como fundamentais.

São a precisão e a emoção. Ele precisa ser um cara que narra em cima do lance, não pode inventar, ainda mais agora que se pode acompanhar o jogo de diversas formas, no estádio, no celular, na TV, e o narrador precisa ser preciso, errando o menos possível, como os nomes de jogadores, arbitragem, o posicionamento. Ter a melhor precisão possível e, acima de tudo, ter emoção. Futebol pelo rádio, transmissão esportiva pelo rádio é emoção, porque se não forma uma narração que prenda o ouvinte, não será atrativo e perderá o interesse de quem escuta. Na minha narração eu tento ser o mais preciso possível e acho que talvez exagero na emoção. Eu tento cuidar desse ponto e acho que às vezes posso pecar pelo exagero. A precisão eu busco aperfeiçoar dia a dia.(AFONSO, 2018)

Por enquanto, o momento mais importante de sua carreira foi a primeira transmissão como narrador de futebol na Rádio Emoção FM. Foi no ano de 2011, pelo Campeonato Gaúcho, um duelo entre Caxias e São José, como conta.

Durante a decisão nos pênaltis teve um goleiro que era meu amigo, e é meu amigo, de muito tempo, por ser encantadense, o André Sangalli, então no Caxias, pegando quatro pênaltis. Quando você vê um goleiro pegar quatro pênaltis em uma decisão de cinco cobranças? Isso é raríssimo, raríssimo mesmo. Por ser amigo, ser da mesma cidade, foi algo que me emocionou muito, marcou muito aquela narração. (AFONSO, 2018)

O jovem narrador tem visão bastante ampla sobre o que poderá fazer no futuro. Não apenas seguir no rádio narrando, mas se aperfeiçoar e ter “cancha” para encarar outros desafios como narrar na TV, por exemplo, e também outros esportes, além do futebol.

Eu sou um apaixonado pelo rádio, quero narrar no rádio enquanto for possível e não me imagino fazendo algo diferente. Até penso em encarar um desafio de narrar por um canal de TV, trabalho para isso, estudo para isso e busco sempre me aprimorar, mas também não quero abandonar o rádio. E os planos para o futuro, nada mais é que poder ser a voz de grandes conquistas, porque o narrador também precisa ser pé- quente. Não basta você fazer uma grande narração e o time que está acompanhando, por exemplo, aqui na Rádio Grenal, o Grêmio ou o Inter perder, porque a narração da derrota raramente repercute. Então tem que ser pé- quente e poder narrar grandes

títulos, de Grêmio, Inter, da Seleção Brasileira. Mas eu sou um apaixonado por esportes, não só por futebol, então eu quero voltar a ter ainda o desafio de narrar basquete pelo rádio, como já fiz em Lajeado, narrar automobilismo, que eu acho um desafio espetacular, é muito emocionante ouvir uma corrida de Fórmula 1 pelo rádio por exemplo, até uma Olimpíada, algo do tipo, são coisas que em encantam muito. Eu gosto de desafios, eu quero seguir no rádio e ser a voz de grandes conquistas. (AFONSO, 2018)

## 5.7 MUDANÇAS NA NARRAÇÃO ESPORTIVA

O início do século 20 assinala o começo da história do rádio no Brasil, com as primeiras irradiações, da rádio Clube, de Pernambuco e a fundação da Rádio Sociedade, no Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, a trajetória inicia com a inauguração da Rádio Sociedade Rio-Grandense. O futebol nessa época, já se encontrava minimamente organizado, com o campeonato local feito pela própria federação e com a rivalidade estabelecida entre Grêmio e Internacional. Mas é apenas em 19 de julho de 1931, que Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, narrou o primeiro jogo da história do rádio brasileiro. Ainda no mesmo ano, Ernani Ruschel, foi o primeiro a narrar um jogo de futebol no Rio Grande do Sul.

A narração do confronto entre Grêmio e Seleção do Paraná, aconteceu no Estádio da Baixada, bairro Moinhos de Vento, de Porto Alegre, em novembro de 1931. Esse é, sem dúvida, o ‘pontapé inicial’ para que o rádio porto-alegrense pudesse vir a se tornar o transmissor das conquistas da Seleção Brasileira de futebol e títulos da dupla Grêmio e Internacional, tudo perpetuado na voz dos narradores esportivos.

A partir disso, a narração esportiva contribuiu para a difusão do esporte no país. Narradores com expressões marcantes, improvisado, naturalidade, humor e parcialidade, tornaram-se parte do espetáculo, deixando de serem meros transmissores de jogos para se tornarem símbolos do esporte. Ao analisar a evolução narração esportiva gaúcha de uma maneira completa e sistemática, seria necessário levar em conta diversos fatores, como a tecnologia aplicada em cada época, nesse caso os equipamentos disponíveis para os narradores, o próprio processo de trabalho nas jornadas esportivas, de que forma se deu a estruturação das emissoras e também do futebol, como organização. Este trabalho vem se concentrando na narrativa de futebol em si, ou seja, construindo a análise a partir de observações dos próprios narradores e mostrando como a linguagem nas narrativas esportivas se modificou com o passar dos anos.

Na primeira narração, segundo detalhes abordados por Dalpiaz (2002), Ernani Ruschel preocupou-se em conduzir e irradiar de forma descritiva, com bastante improviso por parte do narrador durante a jornada. Verifica-se que até a primeira transmissão de Copa do Mundo no rádio gaúcho, realizada pela Rádio Guaíba, ainda são poucos os registros de jornadas e narrações. A Copa de 1950 serve para começar a consolidação no Rio Grande do Sul da dobradinha rádio e futebol. A continuidade dos eventos esportivos, somados a uma publicidade em crescimento, condicionam o desenvolvimento do rádio na metade da década de 50. Celestino Valenzuela, que iniciou carreira na Rádio Itaí, em 1956, verificou esse progresso. ‘‘O rádio era difícilimo. Como narrador, você tinha o objetivo de não deixar o silêncio ‘no ar’. Precisava toda hora chamar a atenção do ouvinte, com informações, frases de efeito. Após 1958, quando fui para a Farroupilha, as emissoras tinham mais concorrência e investiam nas jornadas’’. A linguagem lúdica era fundamental para esses pioneiros da narração, pois precisavam prender a atenção do ouvinte, fazê-lo parte da jornada.

Assim como Antônio Carlos Resende e outros narradores da época, Valenzuela também buscou deixar sua ‘‘marca’’ nas narrações, pois considera significativo isso no rádio, como ele relata:

De preferência criar o seu bordão, mas escolher bem antes, pois é importante. A parte lúdica é importante, pois o rádio como tu não vê, os teus olhos (do ouvinte) são os do narrador, tu precisa criar imagens para o ouvinte. O enfeite, com algum termo bacana, vai bem às vezes. Na narração esportiva precisa ter algo a mais. Eu acho que o narrador precisa ter algo que chame a atenção, que são os bordões. Sem querer, eu achei um pra mim e que ficou marcado. Foi o que lance!(VALENZUELA, 2018)

O bordão ‘‘Que lance!’’, que marcou a carreira do comunicador, é apenas um dos feitos conquistados ao longo do 23 anos dedicados às ondas do rádio e às telas. Observa-se que o locutor usava a dramaticidade como elemento para reforçar a narração. Ele atuava como verdadeiro mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a assistia. Os narradores investiam na narrativa com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte de maneira constante. É importante destacar que a equipe de jornada também tinha menor número de integrantes. O plantão de estúdio, profissional indispensável atualmente, teve suas primeiras experiências com Rui Vergara, no final da década de 1940, o que obrigava os narradores terem criatividade de fôlego para ‘segurar’ a jornada esportiva sem parar. Valenzuela, por sua vez, tinha como objetivo manter o ouvinte o mais informado possível, e destaca que para uma boa narração, é preciso ‘‘preencher o espaço com qualidade, porque senão o ouvinte enjoa e troca de emissora’’.



Passados os primeiros anos da narração, com a estruturação das emissoras e gradual investimento da publicidade, têm-se, também, a evolução tecnológica. As Copas de 1962 e 1966 são marcadas pelo uso do radinho de pilha. Em 1970, a TV a cores já é uma realidade, mesmo assim, parcela pequena da população tem acesso. Mas em 1974, o narrador Haroldo de Souza, paranaense, foi contratado pela Rádio Gaúcha, mudando um pouco o panorama da narração esportiva gaúcha. Lauro Quadros resume bem o processo evolutivo da narração de rádio em Porto Alegre, de 1958 até 1974, ano que Haroldo de Souza chegou no Rio Grande do Sul.

Entre os narradores, havia a escola Mendes Ribeiro, consagrado pela Copa de 1958, na Suécia, e que se inspirava em Cândido Norberto. Muitos foram os seguidores: Pedro Carneiro Pereira, Luís Carlos Prates e, ainda hoje, Pedro Ernesto Denardin. Um estilo bem gaúcho, com um certo tom argentino, contrastando com o clássico Antônio Carlos Resende no padrão Oduvaldo Cozzi, sucesso no Rio de Janeiro. Também foi o Rio, nas narrações de Jorge Cury, que Armino Antônio Ranzolin, adolescente em Lages, Santa Catarina, tomou como referência. Willy Gonser, que veio do Paraná, tinha o ritmo de Pedro Luís, da Bandeirantes de São Paulo.(QUADROS, 2015, p. 46.)

A narração de Haroldo de Souza era diferente dos estilos anteriores consagrados no Rio Grande do Sul. Para o ouvinte se familiarizar, criar confiança e assim manter-se na audiência, Haroldo fazia uso de uma linguagem mais informal e popular. Prova disso são os bordões populares que o narrador criou ao longo de sua carreira. A partir de 1970, ano em que narrou sua primeira Copa do Mundo, no México, e quatro anos depois, na Copa da Alemanha, é que Haroldo criou muitos de seus bordões. Foi nesse período que surgiram o “Adivinhe!” e outro como “As bandeiras estão tremulando!”. Haroldo de Souza inovou, também, no que diz respeito à abertura da jornada esportiva logo que chegou ao Rio Grande do Sul, introduzindo um comentário inicial antes da partida. Da mesma maneira que o narrador age como apresentador da jornada esportiva, ele precisa, também, quebrar a barreira da distância com os seus interlocutores e assim se tornar mais próximo do ouvinte, para receber dele a atenção, e principalmente, manter sua fidelidade, deixando seu relacionamento mais estreito, característica própria do rádio. Moura (2003) complementa:

Rádio é relacionamento. A interação que estabelece o diálogo virtual entre locutor e interlocutor é uma via de várias mãos, na qual cada um representa seu papel, num jogo de inter-relações. Manter o interesse é uma constante busca pelo outro, imaginando na figura do interlocutor ideal. Não basta ter intenção de estabelecer uma comunicação dialógica a partir do rádio, é preciso estabelecer um universo comum de competências comunicativas que permitam ao interlocutor do discurso radiofônico acreditar sem ver. (MOURA, 2003, p. 60).

E é justamente essa comunicação que o narrador esportivo desenvolve, sempre buscando manter a atenção do ouvinte/torcedor durante toda jornada esportiva. A afinidade entre emissor e receptor é mantida com uso diversos recursos, conforme dito anteriormente. Haroldo é enfático quando se trata de analisar as mudanças ocorridas na narração esportiva. Segundo ele, antigamente, havia menos efeitos sonoros que pudessem tirar o ouvinte do foco da narração. A transmissão de uma jornada era especialmente produzida pelo narrador e sua criatividade.

Hoje tem diferença. Agora têm mais firulas, mais enfeites. Hoje em dia a tecnologia avançou, você vê quando um cara vai gritar gol, entra samba, entra gente cantando, tem efeitos sonoros. Antigamente as narrações eram mais secas, mais precisas. Eram a única e exclusivamente o profissional mesmo ali trabalhando. Eu sou mais o de antigamente, quando a bola andava menos, mas o locutor fazia a bola andar mais, para a imaginação dos ouvintes, que na época não se tinha televisão, então o rádio era o veículo de aproximação do torcedor com o futebol.(SOUZA, 2018)

Com a TV, a internet, as novas tecnologias, fica claro que o ouvinte pode conseguir as informações sobre o jogo mais facilmente e ligar o rádio apenas para sentir a emoção que o narrador transmite, o que justifica o fato do torcedor que vai ao estádio e leva o radinho de pilha ou até mesmo, quando em casa, liga a TV no mudo para visualizar a partida e o rádio para acompanhar a locução. Haroldo vivenciou estas transformações na narração e pode participar de outras. Na altura de seus 73 anos e 11 Copas do Mundo, o “Magrão”, que atualmente é profissional da Rádio Grenal, trabalha ao lado de Angelo Afonso, 24 anos, um dos novos nomes no mercado radiofônico gaúcho. Angelo vê alterações na narração gaúcha com o passar do tempo, principalmente na questão da “velocidade”, do ritmo mantido durante dos 90 minutos de uma partida de futebol.

Nas primeiras décadas não se tinha tanta emoção, era uma narração mais descritiva, mais pausada. Ela foi acelerando na “fase de ouro” do rádio, e aí tem Haroldo de Souza, o Ranzolin, com um grito de gol mais longo até. Emoção e criatividade também foi um período bem fértil das transmissões. O Haroldo é um exemplo dos bordões, das gírias, desde os anos 70. Então acho que tem diferenças. Talvez até a narração agora esteja ficando um pouco mais lenta de novo, ela já foi mais veloz se tu considerar os narradores da nova geração com narradores mais antigos. Mas a emoção é uma característica que se mantém, acho que não mudará.(AFONSO, 2018)

Angelo consegue identificar um elemento importante de mudança nas locuções de jornadas esportivas. O fator da precisão é muito levado em conta para uma boa narração, conforme mencionado anteriormente por Haroldo de Souza. Luís Magno, outro narrador que retornou a pouco ao rádio porto-alegrense, também vê na velocidade, fator marcante no panorama do rádio gaúcho.

Eu vejo uma diferença, mas é pequena. Acabou se modificando mas não muito, talvez, porque os nomes de hoje são praticamente os mesmos daquela época. Seja na Gaúcha, até mesmo na Guaíba, embora haja um rodízio entre os profissionais e as empresas. O Marco Antônio na Gaúcha, depois aqui, foi pra Grenal, o próprio Haroldo mudou também. Os protagonistas pouco se modificam, mas as emissoras de trabalho sim. Eu acredito que não por uma vontade própria, mas até por uma imposição física, de idade, eles têm diminuído o ritmo de gravação. Tu pega uma gravação do Pedro Ernesto de 20 anos atrás é uma velocidade absurda. Pega o Marco é a mesma coisa. Pega o Zé Aldo Pinheiro que é o mais jovem dessa turma mais velha, como o Haroldo que tem 74, o Pedro Ernesto já nos 60, o Marco Antônio na faixa dos 60 também, eles diminuíram um pouco seu ritmo muito pela questão física, da idade. (MAGNO, 2018)

E complementa.

Isso acabou se tornando uma tendência meio que sem querer, de muitos narradores hoje que tem uma velocidade diminuída na sua transmissão em virtude daquilo que se escuta dos principais narradores, que não têm mais aquela velocidade de antigamente. (MAGNO, 2018)

A partir dos anos 2000, com a popularização da internet, redes sociais, canais a cabo, observa-se cada vez mais o fenômeno da convergência de mídias. É cada vez mais raro profissionais da comunicação terem apenas uma função, e com os narradores não é diferente. Se no início havia o profissional que apenas narrava, e periodicamente acompanhava as decisões de campeonato, atualmente são atribuídas mais funções ao profissional do rádio.

Hoje é difícil a gente ver um narrador que apenas narre, que a escala dele seja apenas fazer as transmissões dos jogos. Aqui na Rádio Grenal, eu mesmo participo do Contra-Ataque como apresentador, como debatedor nas tardes. Esporadicamente apresento outras atrações. O Haroldo de Souza tem um espaço de comentário e também participa do Dupla em Debate durante a semana, e nas outras emissoras também, os colegas têm outras ocupações no dia-a-dia além de narrar. (AFONSO, 2018)

A partir da exposição feita, destaca-se que a narração esportiva não teve uma mudança que marcasse definitivamente um narrador ou uma rádio. Observa-se a evolução de alguns elementos, em decadência de outros. Se por um lado, atualmente há mais efeitos sonoros, que complementam a locução de uma jornada esportiva, por outro, o narrador tem menos atribuições enquanto chefe da transmissão. Mesmo assim, atualmente, precisa fazer frente à outras responsabilidades, como apresentar programas em horários secundários. Fica evidente, através das falas dos narradores mais jovens, que a velocidade narrativa teve decréscimo, fato que se deve muito em função da condição física e longevidade dos locutores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o começo de suas histórias no Brasil, futebol e rádio buscaram uma maior aproximação com o povo, e como foi visto, tornaram populares. A transmissão das partidas e de tudo que as rodeia foi uma forma de aproximar o torcedor sobre o que se passa no estádio. Lidar com paixão e emoção sempre foi o trabalho do rádio esportivo, que aprendeu a lidar com esses sentimentos, cativando seus ouvintes, resistindo ao tempo e aos desafios que lhe surgiram. Nas transmissões esportivas, por meio da narração que descreve os acontecimentos de um jogo de futebol, a interpretação e a associação ao vocabulário do narrador, proporcionam a efetiva criação visual da cena narrada.

O narrador, como porta-voz do espetáculo, precisou fortalecer o vínculo quem o acompanha, ou seja, prender a atenção do ouvinte. A partir disso se dá a composição da linguagem do jogo, que acontece com a criação de expressões, empatia, envolvimento com o momento transmitido, tudo para que quem esteja escutando consiga ‘criar a imagem’ da partida de futebol, e dessa forma, vivenciar o jogo.

Nas primeiras narrações irradiadas, os narradores tinham menos recursos técnicos para a transmissão de uma partida de futebol. O passar dos anos trouxe estrutura e organização às emissoras, uma jornada esportiva melhor construída. A narrativa ganhou na diversidade, após a incorporação de vinhetas, efeitos sonoros, movimentação financeira com o advento da propaganda. Apesar da tecnologia, o improvisado durante as transmissões permanece como elemento chave dos narradores, aliado à matéria-prima do imaginário do torcedor. No ouvinte, as palavras podem motivar, ferir, animar, entristecer, até extasiar, se tiverem seu emprego correto.

Este estudo teve o intuito de resgatar a memória da narração esportiva, suas dificuldades iniciais e seu desenvolvimento nos dias atuais. Mostrar como organização das transmissões de jogos de futebol sofreram alterações e, destacar os protagonistas que ajudaram e ajudam na construção do radiojornalismo esportivo gaúcho. A narração esportiva requer uma preocupação com a linguagem descritiva, que torne mais fácil o entendimento do ouvinte e consiga, assim, criar uma identidade com o locutor e posteriormente com a emissora.

O narrador segue como protagonista nas jornadas esportivas, servindo muitas vezes como mediador do que acontece no campo. Ele tem a função de descrever bem a cena do jogo

para permitir a interpretação correta. Dentro disso, a precisão é ponto fundamental dentro de uma transmissão esportiva, posto que seu público não está vendo o jogo e precisa de informações e detalhes que melhorem o entendimento. Conforme César (2009), um locutor completo é aquele que consegue, ao mesmo tempo, informar, comentar e transmitir emoções aos ouvintes. O que fica comprovado com Pedro Ernesto Denardin: “A primeira coisa tem que ter talento, o cara tem que saber narrar, não se aprende de uma hora pra outra. E a segunda coisa é que o narrador precisa estar bem informado, saber de tudo que está acontecendo. A informação e o talento são fundamentais na narração.”

É indispensável a sintonia entre a equipe designada para a cobertura esportiva. Narrador, comentarista, repórter, plantão, devem passar o maior número de informações e se utilizar de palavras visuais, tudo para que o ouvinte tenha a compreensão do que está sendo veiculado. Mesmo com a TV, o rádio consegue manter seu espaço e cativar seus adeptos. As novas tecnologias possibilitaram ampliar seu campo de atuação. A transmissão de partidas de futebol via internet já é uma realidade, o que facilita a chegada do rádio a qualquer lugar do mundo.

A narração segue sendo uma construção criativa individual – depende da voz, pronúncia, influências, experiências e demais características pessoais. Cabe aos profissionais conseguirem empregar equilíbrio, precisão e emoção nas transmissões de futebol.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista de. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo**. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1 sem. 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93756778511380654608609040927908697856.pdf>>. Acesso em abril de 2018.
- AFONSO, Angelo. Entrevista concedida a Jonata Fabris, 10 mai. 2018.
- ATHAYDES, A; STOSCH, S. **A história do rádio Porto-Alegrense contada por quem a fez**. Canoas. Editora da ULBRA, 2008.
- BALSEBRE, A. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1994.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalista esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARBEIRO, Heródoto; Lima, Paulo Rodolfo de. **Manual de radiojornalismo: Produção, ética e internet**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. A expressão verbal na Linguagem radiofônica. In: BIANCO, Nélia R.; Moreira, Sônia Virgínia (orgs) **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, Ed. UNB, 1999.
- CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e transgressão no esporte**. São Paulo: IBRASA, 1997.
- CECONELLO, Douglas Portal. **Bandeirantes Esportiva em Porto Alegre**. 2005. 121 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso. FABICO/UFRGS. Porto Alegre. 2005.
- CÉSAR, Cyro. **Como falar em rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.
- COELHO NETTO, José Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DALPIAZ, Jamile. **O futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Dissertação de Mestrado defendida e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- DENARDIN, Pedro Ernesto. Entrevista concedida a Jonata Fabris. 12 mai. 2018.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Os anos dourados do rádio em Porto Alegre**. Porto Alegre: ARI/CORA, 1990.
- FERRARETTO, Luís Artur. **O Brasil é tetra: a cobertura da Gaúcha e da Guaíba nos Estados Unidos em 1994**. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2002/01/o-brasil-e-tetra-cobertura-da-gaucha-e.html>> Acesso em: maio, 2018.

FERRARETTO, Luís Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2ª edição. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luís Artur. **Rádio e capitalismo no rio Grande do Sul**: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: ULBRA, 2007.

FERRARETTO, Luís Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40)**: dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: ULBRA, 2002.

GHELLER, Laura. **Reportagem de campo no rádio e na TV**. 2012. 16 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94445/000913651.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **NARRADORES DE FUTEBOL, DOS DESBRAVADORES AOS CONTEMPORÂNEOS : Estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)**. 2015. 296 f. Dissertação (Comunicação Social)- PUCRS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <[http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6471/2/DIS\\_CIRO\\_AUGUSTO\\_FRANCISCONI\\_GOTZ\\_COMPLETO.pdf](http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6471/2/DIS_CIRO_AUGUSTO_FRANCISCONI_GOTZ_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2018.

GUIMARAES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luís Artur. **O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIX., 2016, São Paulo. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre : uma proposta de periodização histórica... São Paulo: Intercom, 2016. p. 5-9. v. 39. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/149179>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

LEITE, Audrey Ferreira Dias; LOBATO, Paulo Lanes. **A mudança da narração radiofônica de partidas de futebol “ao vivo”**. R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 13, n. 1, p. 56-74, 2005.

MAGNO, Luís. Entrevista concedida a Jonata Fabris. 18 mai. 2018.

MOURA, J.J.R. O não verbal como argumentação no enunciado radiofônico. In: GALVÃO JÚNIOR, L.C. (Org). **Ações teóricas e práticas de Linguística Aplicada e de comunicação social**. Taubaté: Papel Brasil/Unitau, 2003. p.49-62.

OLIVEIRA, Rodrigo Martins de. **Rádio e Copa do Mundo através das décadas**: Análise das coberturas da Rádio Guaíba dos mundiais de 1982 e 2010. Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

PÉRICO, Luciano. **Gol! O plantão esportivo como método complexo de informação.**

Monografia. Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre. 1999. 111 páginas.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan.** 3 ed. São Paulo: Ática, 2004.

PRADO, Magali. **História do Rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PRADO, Thiago de Souza. **Comentário na jornada esportiva da Rádio Guaíba AM.**

Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2007.

QUADROS, Lauro. **Olha, gente!** As histórias de Lauro Quadros. Porto Alegre: AGE, 2015.

SANTOS, Tiago Ritter dos. **Futebol e rádio. O narrador como o condutor do espetáculo.**

Monografia. FABICO/UFRGS. Porto Alegre, 2001. 88 páginas.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos:** como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda, 2004.

SILVA, Jones Lopes da, OLIVEIRA, Leonardo. **Do táxi até virar o Homem Gre-Nal:** Pedro

Ernesto narra o 76º clássico de sua carreira. 2015. Disponível

em:<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2015/11/do-taxi-ate- virar-o-homem-gre-nal-pedro-ernesto-narra-o-76-classico-de-sua-carreira-4911851.html>> Acesso em: maio de 2018.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo sob o olhar de Alcoba e seus seguidores.**

2012. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo., Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94442/000913646.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: O rádio Esportivo em São Paulo.** São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA, Haroldo de. Entrevista concedida a Jonata Fabris. 20 mai. 2018.

STREB, Eduarda, MEDITSCH, Rafaela. **Que lance! Celestino Valenzuela abre o jogo e revela história surpreendentes.** Porto Alegre: L Comunicação, 2014.

VALENZUELA, Celestino. Entrevista concedida a Jonata Fabris. 05 mai. 2018.

VAMPRE, Octávio A. **Raízes e evolução do rádio e da televisão.** Porto Alegre: FEPLAM/RBS, 1979.